



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL
CATALÃO
UNIDADE ACADEMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS
SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA– MESTRADO
PROFISSIONAL: HISTÓRIA, CULTURA E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

MARIA HELENA GONDIM ALMEIDA

**HISTÓRIA, TEATRO E ENSINO DE HISTÓRIA:
POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS**

CATALÃO – GO 2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

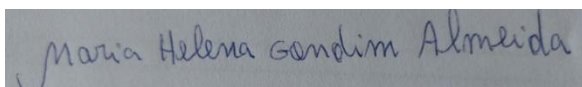
Nome completo do autor: Maria Helena Gondim Almeida

Título do trabalho: HISTÓRIA, TEATRO E ENSINO DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

3. Informações de acesso ao documento:

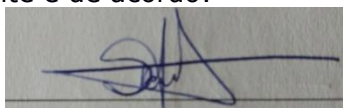
Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Maria Helena Gondim Almeida - autor

Ciente e de acordo:



Dra. Márcia Pereira dos Santos - orientador(a)

Data: 25 / 09 / 2017

Maria Helena Gondim Almeida

**HISTÓRIA, TEATRO E ENSINO DE HISTÓRIA:
POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa Pós-Graduação em História
Mestrado – Profissional, orientado pela Prof.
Dra. Márcia Pereira dos Santos.
Linha de Pesquisa: História, Cultura e
Linguagens.

CATALÃO – GO

2017

Ficha de identificação

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Almeida, Maria Helena Gomdim
História, Teatro e Ensino de História [manuscrito] : Possibilidades Metodológicas / Maria Helena Gomdim Almeida. - 2017.
95 f.

Orientador: Profa. Dra. Marcia Pereira dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2017.
Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. História . 2. Teatro. 3. Ensino de História. 4. Possibilidades Metodológicas. I. Santos, Marcia Pereira dos , orient. II. Título.

CDU 94



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 24

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e dezessete realizou-se, na sala de Reuniões nº 104, Bloco L, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado *História, teatro e ensino de História: Possibilidades Metodológicas*, de autoria da mestranda Maria Helena Gondim Almeida. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes, professor da Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às quatorze horas, sendo presidida pela Professora Márcia Pereira dos Santos (orientadora) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve quinze minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, vinte e cinco minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda quinze minutos para responder. Após o término da arguição, a Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: Aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e dezessete.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos (Orientadora/ UFG/RC)

Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes (UFU)

Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha (UFG/RC)

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um curso de mestrado tem um longo caminho, nada fácil. Mas com a ajuda de pessoas queridas o percurso se torna mais brando. Quero aqui agradecer, mesmo com simples palavras, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram e ajudaram na concretização do mestrado.

Dedico esse trabalho aos meus pais, Maria Luísa e Feliciano, carinhosos e que sempre acreditaram em minha capacidade.

Aos meus irmãos, Helenice, Lúcia, Divino e Cristina.

Aos meus filhos, Ana Flávia, Adriano, Mahê e minha filha de coração Luana.

Ao meu marido Marlúcio por dividir comigo angústias e alegrias.

A minha sobrinha Ariane, sempre disposta a ajudar

Aos meus netos, Pedro Henrique, Maria Eduarda e Constanza

À Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos, minha orientadora, pelo o incentivo constante à reflexão e ao aprofundamento do estudo, sempre desarrumando meu pensamento e depois arrumando, incentivadora na pesquisa dos temas abordados nesta dissertação. Só tenho a agradecer e dizer muito obrigado por tudo. Vou sentir saudades.

À minha amiga de sempre Profa. Dra. Regma Maria dos Santos, por ser a responsável pelo meu ingresso no mestrado. Acreditou em meu potencial de uma forma que eu não acreditava ser capaz de corresponder.

Aos meus colegas de turma, em especial, Maria Aparecida Gonçalves, Tatiana Candence e Ismene Fernandes da Silva sempre carinhosas, confidentes e parceiras nos trabalhos.

Aos professores doutores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. Luiz Humberto Arantes, (UFU), Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha (UFG/RC) e às suplentes Profa. Dra. Regma Maria dos Santos (UFG/RC) - Suplente Interna e Profa. Dra. Sandra Mara Dantas (UFTM) - Suplente Externa. O meu muito-obrigado pela presença e por disponibilizarem do seu tempo precioso para avaliar o meu trabalho.

Às minhas amigas de sempre Profa. Mestre Geysa Telma Couto Lacerda e Profa.

Mestre Silma Rabelo Montes, minhas companheiras parceiras de anos de trabalho que deram tudo de si para que eu conseguisse trilhar esse árduo e prazeroso caminho. Vocês merecem o meu eterno agradecimento.

Aos estudantes que participaram de todo o processo de trabalho com teatro nas escolas: Escola Municipal Olhos D'Água e Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhôa.

Quero também agradecer a todos e a todas que me ajudaram nesse trabalho de conclusão de curso no mestrado. Hoje mais que ninguém sei o significado da frase que sabiamente diz: “ninguém vence sozinho”. Por fim, quero agradecer a Deus por ter colocado todas essas pessoas em minha vida.

RESUMO

Este é um estudo que parte do uso do teatro como metodologia do ensino de História em sala de aula. O objetivo é defender o teatro como metodologia de ensino que permite uma articulação entre o presente e passado, haja vista os estudantes serem os protagonistas do próprio ensino. O que me levou a essa pesquisa foi tanto minha experiência com o uso do teatro em sala de aula, quanto o desejo de registrar o trabalho constante de professores com a metodologia do teatro em suas aulas com adolescentes do ensino fundamental. Nesse sentido, ao mesmo tempo que reflete sobre uma experiência vivida, debatendo conceitos como consciência histórica, memória e o próprio teatro como metodologia de ensino, o trabalho elabora uma proposta pedagógica com a metodologia do teatro inserido nas aulas de história buscando relacionar e refletir sobre o papel da História e do significado do uso do teatro no processo de construção de conhecimentos, articulando as memórias dos professores e estudantes. Defendo também que é possível com o uso do teatro realizar um trabalho interdisciplinar entre duas ou mais disciplinas, o que implica em uma intervenção direta na dinâmica escolar no espaço em que tal proposta se torna realidade. Assim, no presente trabalho, refleti sobre o ensino de História, apontando os desafios e possibilidades que o uso do teatro como metodologia de ensino e aprendizagem trazem, defendendo seu uso e trazendo minha própria experiência como inspiração para outros profissionais do ensino. Acredito que uma pesquisa como esta é também um compromisso efetivo com o ensino de história e seus sujeitos, pois seu resultado deve ajudar a alargar a formação docente, abrindo novas formas de ensinar, o que, a meu ver, ajuda a reforçar os laços profissionais e afetivos entre professores e alunos.

Palavras-Chaves: História, Teatro, Ensino de História, Possibilidades Metodológicas.

ABSTRACT

This study uses theatrical methods as a way to teach History in the classroom. The aim is to address theatrical methods allowing to articulate between the present and past tenses, so that the students can be the main figure of their own learning. The reason for this study was the use of theatrical methods in the classroom and the desire to report the constant work of teachers using theatrical methods in the classrooms with teenagers in elementary school. However, at the same time that it reflects a real experience, discussing concepts of Historical consciousness, memories and the theatrical methodology itself, this study elaborates a pedagogic proposal with the theatrical methodology in history classes trying to relate and reflect about the roll of History and the meaning of the use of theatrical methods in the process of knowledge construction, articulating the memories of teachers and students. I defend that using theatrical methods it is possible to accomplish interdisciplinary work between two or more subjects, which implies a direct intervention in school dynamics, where it becomes a reality. Thus, this study ponders about History teaching, pointing out challenges and possibilities that the use of theatrical methods as teaching and learning methodology provides, defending its use along with my own experience as inspiration to other teaching professionals. I believe that a studies as this one are an effective commitment to History teaching and its subjects, for its results should assist and extend the teachers formation, showing new ways to teach, which, in my point of view, can help to enforce professional and affection ties between teachers and students.

Key-words: History, Theater, History Teaching, Methodological Possibilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ensaios sobre o livro *Caravelas do Novo Mundo*, na Escola Municipal Olhos d'Água (1995).

Figura 2: Visita ao Museu do Índio em Uberlândia (2000).

Figuras 3: Trabalhos desenvolvidos na Escola Municipal Olhos d'Água (2000)

Figura 4: Quadros de exposição

Figuras 5: Jogo do espelho e Jogo da Explosão de alegria e tristeza

Figuras 6: Ensaios da peça *A Lei e o Rei*. Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhã (2001).

Figuras 7: Apresentação da peça teatral *A Lei e o Rei*, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais. (2001)

Figura 8: Convite da peça teatral *A Lei e o Rei*. Teatro Rondon Pacheco.

Figuras 09: Coreografias da peça teatral *A Lei e o Rei*. (Teatro Rondon pacheco,2001)

Figuras 10: Alunas na interpretação de papéis masculinos, Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhã, 2001.

Figuras 11: Apresentação da peça teatral *Criação e Destruição do Mundo* (Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhã, 2002).

Figura 12: Convite da peça teatral *Criação e Destruição do Mundo*.

Figura 13: Encenações sobre os Movimentos Populares na República Velha. Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhã.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
I- EXPERIÊNCIAS PRECEDENTES COM O USO DO TEATRO COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA	23
II - REFLEXÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA	52
III - PROPOSTA METODOLÓGICA -“HISTÓRIA DE VIDA NA EXPERIÊNCIA TEXTO/CENA”	64
IV - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE HISTÓRIA/TEATRO NA ESCOLA	83
FONTES	89
REFERÊNCIAS	90
ANEXO I	92
GUIA RÁPIDO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE TEATRO NA ESCOLA A PARTIR DA DISCIPLINA HISTÓRIA	93

APRESENTAÇÃO

Todos os dias, ao adentrar a sala de aula, professores e alunos, mesmo sem se darem conta, tomam emprestados alguns recursos da linguagem teatral. Os estudantes, ao lerem um texto, mudam a entonação da voz. Os professores capricham nas expressões faciais, nos gestos, nas formas de falar e de andar.

Ao iniciar minha carreira de professora na disciplina de História, no ensino fundamental, em 1992, na Rede Pública Municipal em Uberlândia MG, sempre me encantei por atividades envolvendo a realização de práticas de ensino que buscavam a integração com outras disciplinas. Percebia que o trabalho com o teatro é uma das ações e, possivelmente, soluções artísticas que confrontam a especialização e a divisão das disciplinas individualizadas, convencionadas a mecanismos impostos e regras institucionalizadas pela sociedade capitalista e, conseqüentemente, por um programa curricular pré-estabelecido para as instituições escolares.

Nas diferentes disciplinas escolares, temos a possibilidade de repensar metodologias adotadas em programas de ensino conteudistas, que dão ênfase a uma educação apenas técnica e informativa. A escola pode ser tratada como instituição disposta a ajudar os jovens na tarefa de constituírem-se como seres humanos que aprendam e reconheçam, ao mesmo tempo, a si próprios como sujeitos históricos que têm consciência do outro, do grupo, do meio ambiente em que vivem e, claro, de seu passado. De acordo com Jaime Pinsky e Carla Pinsky (2016, p. 22), "[...] é bom não confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem a mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada."

O professor pode, então, aproveitar esses recursos e desenvolver o espírito crítico entre os seus alunos, fazendo-os compreender que, muitas vezes, o que se lê em uma página de jornal e/ou o que se vê na televisão permitem julgamentos variados e nem sempre definitivos, e que isso pode ser apropriado de forma preconceituosa. O que defendemos então? Leituras e entendimentos de textos devidamente discutidos com os alunos, com o objetivo de levá-los a compreensão da complexidade histórica, por exemplo, discutir preconceitos de como foi construído e desenvolvido determinado tema para poder criticá-los com bases e argumentos mais sólidos, estabelecendo, assim, uma dinâmica relação entre o passado e o presente. Nesse sentido, os métodos tradicionais de ensino e aprendizagem usados, ainda na atualidade, pela maioria das escolas, não são suficientes para avaliar o desempenho intelectual dos estudantes

que, muitas vezes, é confundido com a memorização. Por essa razão, escola e professores não devem ver sua função esgotada na informação.

Em vista dessa insuficiência, os desafios com os alunos eram e são: como ensinar História abordando o processo de aprendizagem e contrapondo a memorização? Para responder tal questão, decidimos experimentar, reinventar, maneiras de ensinar, a partir das aulas de História, tendo como objetivos construir novos caminhos de comunicação com os estudantes e recolocar a escola como um espaço de criação e transformação.

O “como fazer” é a principal questão. Talvez discutir projetos, trocar ideias, pensar e repensar criticamente o valor da escola, dos professores na vida dos alunos. Isso provoca ansiedade. Aparecem os riscos na caminhada, retrocessos, avanços, descobertas possíveis de vir a incitar o surgimento de uma nova educação e uma nova escola, apesar de dificuldades e obstáculos.

Creemos que a união entre História e a arte do teatro se configura como sendo um possível caminho, de modo a ser necessário ousar os passos, reescrever as diferentes e variáveis metodologias voltadas para a formação dos sujeitos de modo a priorizar o desenvolvimento das capacidades cognitivas e corporais.

Torna-se necessário, então, buscar outros espaços, que não sejam somente a sala de aula, porque História não se faz somente entre quatro paredes. Segundo Leandro Karnal, “Inovação não é o uso de meios eletrônicos em sala, inovação é uma atitude interna que atinge os que nos cercam” (2016, p. 140).

Dessa forma, o teatro pode ser apontado como um recurso didático viável para se exercer a vida escolar, ajudando os estudantes a ampliar horizontes culturais, a perder a timidez, colocar-se no lugar do outro, interessar-se mais por textos e autores variados e priorizar o trabalho em grupo sob a orientação do professor.

Acredito que o desenvolvimento desta pesquisa, junto ao Programa de Pós-Graduação em História/ Mestrado Profissional da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, possibilitou a produção de conhecimentos que pode, em muito, contribuir para a reflexão e produção dos saberes e das práticas de ensino de História que tenham o teatro como uma de suas possibilidades metodológicas.

É importante ressaltar que nós, professores de História, temos um papel fundamental na formação da consciência histórica dos alunos, por meio da ampliação da relação ensino-

aprendizagem, bem como na busca por incorporar diferentes linguagens ao processo educativo.

Por isso, tenho muita inquietação e venho me perguntando sempre como viabilizar e potencializar aulas com mais ludicidade para despertar mais interesse, motivação e desejo de nossos alunos na busca do conhecimento. Nesse contexto, visamos compartilhar o conhecimento histórico com outras áreas, principalmente com artes cênicas.

A arte é inerente ao homem, quando estudamos a pré-História, no 6º ano do ensino fundamental, entendemos a arte rupestre como uma forma de magia. Os artistas pré-históricos pintavam por amor à arte, em que as pinturas seriam, muitas vezes, práticas religiosas que incluíam dança e música em seus rituais, além de colaborar no processo das caçadas, como evidenciam as pinturas rupestres encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, datadas de mais de 5000 anos atrás.

Entre tantas afinidades, os professores de História encampam a possibilidade do uso do teatro nas aulas de História, prosseguindo nas discussões sobre o uso de diferentes linguagens artísticas em seu cotidiano. Há algum tempo, novas correntes historiográficas, especialmente no campo da Nova História Cultural, contribuem para que os professores pensem, conceitualmente, a sua prática pedagógica, compreendendo a dinâmica social composta pelas questões políticas, econômicas e, principalmente, culturais.

Falar dessas questões significa questionar os inúmeros problemas vivenciados na educação brasileira, haja vista as mudanças pelo governo atual, presidido por Michel Temer, que criou a Lei nº 13.415 de 16/02/2017, a reformular várias diretrizes que regem o atual Ensino Médio no Brasil, no qual as disciplinas de História e Geografia deixam de ser obrigatórias. Palco de várias discussões por parte dos educadores, a Lei causa perplexidade e indignação, pois estabelece a supressão de conteúdos muito importantes que dão destaque à inteligência emocional no exercício de reflexão e oportunizam ao aluno pensar, argumentar e questionar.

É preciso lamentar profundamente essa drástica e equivocada reforma do ensino médio. Daí a necessidade de se indignar, lutar, fazer críticas contundentes e exigir a participação, o debate com os profissionais da área.

Creemos que não é mais possível professores e comunidade escolar aceitarem que a escola seja um espaço para manifestações culturais dominantes, uma vez que a escola tem como princípio fundamental a formação dos cidadãos nas suas concepções democráticas, pois vivemos numa sociedade em que as manifestações culturais e políticas e as relações humanas

são múltiplas e variadas. Nesse contexto, se faz necessária a construção de uma prática pedagógica que busque privilegiar as diferenças existentes no próprio ambiente da sala de aula e também na escola como um todo, preservando a diversidade e a democracia entre as escolhas de quem ali está.

A compreensão desse processo histórico nos aponta para a necessidade de superar as limitações na formação dos professores desde o ensino superior até sua prática em sala de aula. Para isso, do lado do professor, torna-se necessária a formação continuada para a troca de experiências vivenciadas na escola e a discussão das dificuldades relacionadas à própria profissão, por exemplo, a desvalorização social e salarial, além da falta de estrutura no espaço físico da escola. Inserida na cultura escolar, percebo que, diante das dificuldades, os professores buscam discutir projetos relevantes que visam a mudanças relativas à escola tradicional e que buscam adotar práticas educativas diferentes.

Nesse percurso, os professores tentam descobrir os fios, tecer a trama e traduzir o mundo a partir da cultura. Sabemos que a História trabalha com a mudança no tempo, e a História Cultural assinala a reinvenção do passado, através das práticas e representações do mundo partilhadas pelos sujeitos históricos.

Para o historiador José D' Assunção Barros (2011), representação, no campo da História e das Ciências Humanas, é uma palavra com múltiplos significados. As práticas se referem aos fazeres, aos modos de agir, e as representações dizem respeito aos modos de ver e conceber, ou seja, há uma arquitetura entre práticas e representações.

Ainda, segundo o historiador, na perspectiva da Nova História Cultural, os objetos historiográficos têm se expandido bastante, o que possibilita os mais variados estudos sobre

[...] a “cultura popular”, a “cultura letrada”, as “representações”, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”. (2011; p. 12)

Os historiadores contemporâneos defendem que todos os seres humanos produzem cultura porque “se comunicam por meio dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu ‘modo de vida” (BARROS, 2011, p. 13).

A partir da contribuição de vários autores para a História Cultural, Barros cita Roger Chartier, um dos mais conhecidos historiadores da atualidade. Sua especialidade é a pesquisa sobre leitura, com ênfase nas práticas culturais da humanidade desenvolvidas em torno do ato

de ler, seus objetos e fazeres. Desse modo:

[...] são práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2011, p.17).

A partir dessa discussão inferimos que o nosso estudo situa-se no campo dentro do referencial teórico da História Cultural, pois é ela que instrumentaliza a interpretação da História necessária ao trabalho proposto. Assim, a proposta geral desta pesquisa é problematizar como alguns recursos da linguagem teatral podem transformar-se em instrumentos didáticos no ensino-aprendizagem de conhecimentos históricos, culturais, científicos e éticos. Na perspectiva de que todos os seres humanos produzem cultura, é importante que o professor levante dilemas e questões sobre o cotidiano escolar, a cultura ali construída, e que é vivenciada naquele âmbito, com o intuito de fazer com que o estudante se interesse pelo estudo da História de uma forma participativa e motivadora.

Nesse sentido, proponho tomar o teatro como fonte, como linguagem, mas, principalmente, como metodologia no ensino de História. Os objetivos da pesquisa são: 1) Compreender a contribuição do teatro para o ensino de História; 2) Discutir a metodologia do teatro inserido num projeto educativo na escola, e não como teatro espetáculo; 3) Relacionar e refletir sobre o papel da História, memória e teatro no processo de construção de conhecimentos dos professores e estudantes acerca da realidade em que vivem; 4) Defender que é possível realizar um trabalho interdisciplinar entre professores na escola pesquisada; 5) Apresentar diagnóstico da pesquisa, refletir sobre a metodologia do professor para o uso do teatro no ensino de História, numa perspectiva interdisciplinar e fazer sugestões para melhorar e desenvolver o método usado.

A ideia da pesquisa foi motivada por duas décadas de experiência pessoal e coletiva voltadas ao ensino de História e teatro no ensino fundamental e, também, pelo desejo de sistematizar essa metodologia em um curso de Mestrado, discutindo de uma forma reflexiva e buscando, com isso, uma análise sobre o que vivenciei durante minha experiência de sala de aula.

Durante esta pesquisa, propus pensar as minhas práticas e os caminhos pelos quais construí essas vivências, perguntando-me de que forma o professor elabora sua metodologia. Conforme José Antônio Dominguez (1978, p. 28), metodologia pode ser entendida como “o

sistema que o professor decide adotar no esquema ensino-aprendizado para se relacionar com seus alunos, individualmente e em grupo, e com a instituição, na qual trabalha”.

No mundo contemporâneo, tudo muda a cada momento. Portanto, educar torna-se um desafio constante, sendo evidente que as instituições educacionais e professores devem repensar o seu papel na sociedade e pensar em soluções possíveis para os problemas detectados.

Compartilhando a análise de Circe Bittencourt (2011, p.59), “A História, enquanto disciplina escolar, possui uma longa História, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conteúdos e métodos”, acredito que é preciso compreender nossas práticas educativas, também, a partir de reflexões sobre elas, questionando seus métodos, seus referenciais teóricos e mesmo o impacto sobre nós mesmos, a escola e os alunos.

As pesquisas em História escolar nos mostram, a partir das várias abordagens, que o ensino é alvo frequente do poder institucional dos governos. Não apenas em História, mas em todas as outras disciplinas, há uma manipulação do ensino, tanto em termos teóricos - nos materiais didáticos e currículos, por exemplo - como em termos práticos - nas diretrizes institucionais de órgãos reguladores da educação no Brasil - que, atendendo a certos setores da sociedade, tem privilegiado a classe social mais elitizada em suas escolhas e demandas. Não cabe aqui, neste trabalho, discutir as orientações metodológicas da história da disciplina de História no Brasil, mas problematizar uma prática de ensino que, a nosso ver, é benéfica para o ensino de História e pode ajudar outros docentes a refletir sobre suas práticas e escolhas didáticas.

Sabemos que, ao longo do tempo, os currículos foram sendo reformulados com tendências para atender às elites, direcionados à produção tecnológica em um contexto político, econômico e cultural capitalista.

Pensando no currículo de História, entendemos que este não se faz apenas construindo uma lista de conteúdos, tendo como base fatos históricos vivenciados na sociedade. As escolhas do que contar, de como contar e seus referenciais teóricos metodológicos influem em como o passado é dado a ler nas aulas de História. Nesse sentido, podemos perguntar: Quais métodos, concepções e conteúdos precisam ser adotados? Em que momento podemos abordar conteúdos que não atendam apenas o tradicional, mas, igualmente, nossa diversidade cultural como etnia, cor, classe, religião, geração, ainda não contemplados na extensa lista de conteúdos tradicionais? Quais conceitos usar para cultura, identidade, gênero, etnia, raça?

Mesmo diante de tantas mudanças nos currículos ao longo do tempo, é possível que

essas questões, aos poucos, estejam sendo superadas. Embora na escola prevaleça um ensino seriado, fragmentado, preparando pessoas para o mercado de trabalho, também é possível perceber que há um espaço de intervenção do professor que pode fazer a diferença. Podemos propor outro paradigma na relação professor/aluno - por exemplo, discutirmos, pensarmos juntos em um ensino-aprendizagem que minimize a intolerância em relação às diversidades culturais, sexuais, religiosas, condições física, socioeconômica e política, em vez de apenas priorizar uma lista de conteúdos.

Acreditamos que a mediação do professor se faz necessária na preparação dos alunos para a cidadania, identidade, autonomia, proporcionando novas possibilidades diante de interesses tão conflitantes. Conforme Holien Gonçalves Bezerra (2016, p. 47),

O conjunto de preocupações que informam o conhecimento histórico e suas relações com o ensino vivenciado na escola levam o aprimoramento de atitudes e valores imprescindíveis para o exercício pleno de cidadania, como o exercício do conhecimento autônomo e crítico; valorização de si mesmo como sujeito responsável da História.

Dentre essas possibilidades, é fundamental a incorporação das diferentes linguagens no processo de ensino. Sabemos que o livro didático de História não consegue alcançar a realidade mais próxima dos jovens e não pode ser encarado como uma única fonte de ensino-aprendizagem, pois há um diversificado número de fontes que o professor pode usufruir. Mas o pouco tempo, os baixos salários e a falta de autonomia das escolas são entraves para os professores buscarem essas diferentes linguagens na produção de conhecimentos.

Diante dessas várias dificuldades, nós, professores da Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, priorizamos o ensino de História numa perspectiva interdisciplinar, com as demais disciplinas, especialmente, com Geografia, Língua Portuguesa e Artes, tendo como objetivo trabalhar o teatro, estimulando o espírito crítico dos alunos e o pensamento investigativo, esses ligados intimamente ao desenvolvimento da criatividade, e tendo como pressuposto metodológico interdisciplinar a produção de conhecimentos com a linguagem teatral. Isso porque acreditamos que, a partir do momento em que os alunos dominam o que é mais próximo deles, amplia-se o estudo para os espaços mais distantes e para o passado, em busca de explicações, comparações e referências.

Entendemos que o movimento presente/passado não deve ser engessado, linear e mecanicista, pelo contrário, pressupõe um vai e vem permanente. Esperamos que o trabalho de ensinar História com o teatro possa favorecer a percepção de transformações, mudanças e

permanências, relacionando sempre com vivências dos jovens.

Nas palavras de Holien Gonçalves Bezerra (2016), o ensino de História

Envolve as formas de organização do trabalho, de casa, da família, do cotidiano, das pessoas, dos ritos, das religiões, das festas etc. assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significados e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos (2016, p. 46).

Nesse seguimento, escolhemos trabalhar com a metodologia do teatro como exercício do conhecimento crítico, valorização de si mesmo como sujeito responsável da História, respeitando as diferenças culturais, religiosas, políticas e, principalmente, o trabalho coletivo.

Mesmo não sendo professoras de artes cênicas, buscamos as atitudes de estudar e perguntar no dia a dia e, assim, orientar os alunos na descoberta de si mesmos e do mundo por meio da arte. No processo de trabalho interdisciplinar com professores de diferentes áreas, iniciamos com muitas ideias, vontade, alegria de ensinar, não como uma atividade escolar que não tinha muita relação entre os interesses e a vida dos adolescentes, mas como uma atividade que pudesse envolver alunos e professores.

José Antônio Dominguez afirma que

A produção de peças é uma das formas que a atividade “teatro na educação” pode assumir. Mas há outras. No Brasil, por exemplo, a educação artística é uma atividade compulsória em todas as escolas do País. Dentro da atividade Educação Artística, uma das possibilidades previstas é o teatro (DOMINGUEZ, 1978, p. 22).

Tendo como exemplo a educação artística, resolvemos trabalhar com essa metodologia também em História. Sabíamos que não seria fácil, mas decidimos arriscar. Inicialmente, contemplamos as Diretrizes Básicas do Ensino de História do 1º ao 9º ano, elaborada pela Secretaria Municipal de Educação em conjunto com um grupo de professores de História. Esse documento contempla uma lista de conteúdos e também as preocupações, angústias e anseios dos professores em relação à História ensinada e à História vivida.

A partir dessas considerações, entendemos que é possível trabalhar os conteúdos de História de uma forma que altere os paradigmas tradicionais. Nesse viés, adotamos a metodologia do teatro porque não deixamos de crer que o trabalho com essa arte na escola pode contribuir no desenvolvimento intelectual, moral e emocional dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem.

Seguindo essas ideias, trabalhamos com dois grupos: um grupo formado por professores que aceitaram o desafio nessa caminhada; outro, formado pelos alunos, geralmente,

dos 8º e 9º anos, com trinta e cinco alunos por sala. De acordo com os conteúdos trabalhados em sala de aula, elaboramos as peças com a participação dos alunos na montagem do texto, do cenário, do figurino, das coreografias e de tudo mais que envolve o teatro.

Algumas peças são de outros autores, mas adaptadas com o conteúdo ensinado em sala de aula. Outras peças foram montadas de acordo com a História de vida dos alunos nas suas relações sociais e emocionais com os familiares, suas memórias e suas identidades.

No intuito de observar o desenvolvimento das capacidades de expressão dos alunos, propusemos jogos teatrais que favoreceram o autoconhecimento, o conhecimento do outro, envolvimento, liberdade pessoal, espontaneidade. Vivenciando essas atividades, os adolescentes perceberam que podem agir de uma forma, e um outro colega de outra forma. Isso não quer dizer que estão certos ou errados, mas que se expressam de maneiras diferentes.

Segundo Zé Adão Barbosa (2004, p. 159),

O jogo com fins improvisacionais aborda no seu aspecto técnico: sentido de observação e escuta; sensibilidade no tratamento do exercício, respeitando tempo e forma de expressão dos colegas; percepção e integração do grupo; agilidade de raciocínio a partir de exercícios envolvendo várias dificuldades; prontidão e disponibilidade- resposta instantânea aos estímulos externos; atenção e concentração.

O jogo é muito significativo para que possamos trabalhar a imaginação de crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que se vivencia uma História, seja no palco ou na plateia. Esses aspectos serão discutidos e explicados no decorrer deste trabalho.

Assim sendo, essa dissertação tornou-se um processo de reflexão sobre minha prática como professora de História, que tomei o teatro como metodologia para o ensino e que, por isso mesmo, espero contribuir e inspirar outros professores com minha prática profissional e reflexiva e, também, com minha própria história de vida.

Minha infância também faz parte de minha relação com teatro. Em Itapagipe, estado de MG, cidade situada a 49 km a Noroeste de Frutal, por volta de 1964, portanto, no início da ditadura militar, eu morava na casa de tios para estudar, porque meus pais residiam na zona rural do município. Em frente à casa deles, tinha a igreja matriz da cidade e, do lado de fora, brincávamos de teatro, encenando e reproduzindo os valores da família. Eram encenações, às vezes, violentas e dramáticas, porque os meninos e meninas que representavam os pais eram tão rígidos quanto na realidade, e os personagens representados como filhos eram punidos, usando métodos autoritários, castigos com os joelhos no grão de milho, surras no corpo e,

principalmente, na cabeça, e eu era a que mais apanhava, porque burlava as regras. No meu inconsciente, queria mudar essa situação, questionando aquela representação tão rígida, já renegando os padrões estabelecidos.

Os anos se passaram e, em minha inquietação relativa a mudanças e a quebra de relação hierarquizada entre família, comecei a pensar em abordar a História e a arte como um caminho de aprendizagem mais libertador.

Nessa perspectiva, almejei o curso de História, sendo que o que mais me motivou foi a vontade de alcançar conhecimentos para ampliar a minha visão em relação à vida em sociedade e aspectos como a política, a cultura, a economia, a religião, no sentido de compreender e refletir sobre essas questões dentro de um processo histórico.

Nos primeiros anos, o curso era de Estudos Sociais, bastante técnico, sendo a pesquisa quase inexistente. Posteriormente, após dois anos, em 1986, o curso foi desmembrado, criando-se os cursos de História e Geografia, sendo que minha opção foi para o curso de História. É importante destacar que, nesse momento, foi iniciada a construção de novos projetos curriculares, e que, ainda muito timidamente, se discutia o processo de ensino e pesquisa. Mesmo diante dessa problemática, conseguimos terminar o Curso e partimos para a prática.

Nesse sentido, iniciei a minha atuação como professora de História na zona rural, na Escola Municipal Olhos d' Água, localizada na rodovia de Uberlândia para Patrocínio, BR 365, km 14 no município de Uberlândia, mas havia ainda professores com conhecimentos específicos das disciplinas, no caso da História, desvinculados dos saberes didáticos, ou seja, da pesquisa e do próprio conhecimento. Isso me incomodava bastante.

Na época, chegou à escola a professora Elsiene Coelho da Silva (Artes Cênicas), que priorizava o teatro. Atualmente, ela é professora na Universidade Federal de Uberlândia. Foi ela quem me estimulou a valorizar o teatro. Mas os desafios com os alunos eram: como ensinar conceitos abordando o processo de aprendizagem, contrapondo a memorização? Como ensinar a alunos que tinham em primeiro lugar a preocupação com a sobrevivência e não com o aprender?

Unindo História e Artes, colocamos em prática a produção dos saberes de uma forma crítica, tentando romper com as imposições dos donos das fazendas onde os alunos mantinham sua sobrevivência trabalhando em granjas e lavouras de verduras. Preocupados em sobreviverem, a escola vinha em segundo ou terceiro lugar em suas vidas, mas, ao mesmo tempo, era um lugar de aprendizagem, socialização e divertimento. É nesse contexto que

buscávamos diferentes formas de ensinar que se aproximassem mais da realidade dos alunos.

Esses alunos não são homogêneos, tanto se pensarmos em uma turma de um bairro periférico afastado ou de alunos da classe “A”. A vida desses adolescentes não se resume em idade, estágios da inteligência, estrutura ou filosofia da escola. A formação desses alunos tem as influências dos pais e do mundo em que vivem. Portanto, não cabe a nós com duas ou três perguntas sobre sua origem ou sobre os seus sonhos supormos que teremos conhecido a realidade de vida do aluno; é importante procurar reconhecer essa diversidade, trabalhá-la de forma que o aluno, assim como o professor, se sintam bem ao fazer suas obrigações sociais.

Na época, os professores não tinham uma formação de intelectuais transformadores que tivessem propostas com objetivos, que procurassem a democracia, a liberdade, envolvendo teoria e práticas pedagógicas, ao contrário, formava-se treineiros, apenas processadores de conteúdo.

Talvez não tivéssemos consciência disso naquela época, mas queríamos inovar de alguma forma, e o teatro foi uma metodologia que nos deu oportunidade de sermos mais felizes diante da dura realidade dos alunos de mãos calejadas pelo trabalho diário na terra.

O envolvimento com alunos na atividade teatral nesta escola não teve a adesão de todos, mesmo porque trabalhamos com alunos com comportamentos diferenciados, valores da família e envolvimento diversos. Mesmo diante dessas dificuldades, superamos as expectativas com encenações relacionadas com o trabalho no campo, por exemplo, quando trabalhamos a Idade Média, mostrando a subserviência dos trabalhadores naquele contexto com a realidade dos alunos nos tempos atuais e chegamos a um entendimento de situações muito parecidas, só que em outro tempo. O teatro era o final de todo um processo de ensino e aprendizagem em sala de aula e, posteriormente, encenado no pátio da escola.

Nesse sentido, acredito que o professor pode ressignificar sua prática, passando de um reprodutor de conhecimentos e informações para um orientador de saberes que pensa a História tendo como referências novas abordagens historiográficas. Nesse momento, essas questões ainda estavam de forma incipiente em nosso trabalho, mas começava a aflorar a criatividade e a busca por romper com os padrões com os quais lidava porque tinha sido formada a ensinar conceitos prontos.

Isso não quer dizer que os professores são passivos. Como seres inacabados que somos, procuramos mudar essa situação, pois compartilhamos da percepção da professora Selva Guimarães: “[...] dessa perspectiva, os professores da educação básica não são meros

técnicos, reprodutores, transmissores, mas sim sujeitos produtores de conhecimentos” (GUIMARÃES, 2012, p. 29).

Muitos professores, no intuito de ampliar seus conhecimentos, buscam e participam de projetos formativos, mas nem sempre as formações continuadas atendem às expectativas dos professores no que diz respeito à socialização dos saberes. E, por isso, a perspectiva de construção de uma reflexão sobre a minha prática docente com a História e o Teatro tornou-se o centro deste trabalho que visa, também, socializar as experiências e reflexões delas oriundas.

O texto está estruturado em três partes. Na parte I, serão compartilhadas experiências com o uso da metodologia do teatro no ensino de História. Na parte II, vamos discutir os conceitos de História e o ensino de História em sala de aula, a partir de diálogos com diferentes autores. Já na parte III, apresentamos uma proposta didática: um projeto interdisciplinar, com o objetivo de trabalhar a História de vida dos alunos, pais, avós e bisavós, abordando a adolescência dessas pessoas em diferentes décadas de 1960-2016.

I- EXPERIÊNCIAS PRECEDENTES COM O USO DO TEATRO COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O objetivo da primeira parte deste trabalho é apresentar o modo como se construíram nossas preocupações com o ensino de História e nossa busca por tomar o teatro como uma metodologia de ensino de História. Dessa forma, a descrição desse processo se mostra importante para nos situarmos dentro de um conjunto maior de preocupações didáticas que marcaram nossa atuação como professoras de História, e que, neste momento toma sua prática como ponto inicial de uma reflexão maior, sustentada pela nossa crença de que é possível desenvolver na escola, seja qual for, processos educativos que não se alicercem em perspectivas tradicionais dos papéis de docentes, que falam e doam o conhecimento, - e discentes, - que escutam e recebem o conhecimento. Tomamos, portanto, a sala de aula e a escola como lugares de produção do conhecimento e, mesmo, produção dos processos educativos que levam a esse conhecimento.

Assim, começo esse relato.

1 - Primeiras experiências.

Na Escola Municipal Rural Olhos d' Água², no município de Uberlândia, em 1993, onde iniciei minha carreira docente. Na quinta série do ensino fundamental, foi abordado o conteúdo sobre a questão indígena no Brasil. Pensando em envolver os alunos no entendimento do conteúdo sobre a questão indígena no Brasil. Apresentamos O livro *Caravelas no Novo Mundo (1995)*, de Antônio Augusto da Costa Faria, sobre os primeiros contatos dos europeus com os índios no Brasil. Sugerimos, então, a leitura desse livro e, posteriormente, sua encenação.

Figura 1: Ensaios sobre o livro *Caravelas do Novo Mundo*, na

² Destacamos que nosso acervo documental, especialmente o acervo fotográfico, também está disponibilizado na Escola Municipal Olhos d' Água para consulta.

Escola Municipal Olhos d'Água (1995).



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2: Visita ao Museu do Índio em Uberlândia (2000).



Fonte: Acervo da autora.

Figuras 3: Trabalhos desenvolvidos na Escola Municipal Olhos d'Água (2000).



Fonte: Acervo da autora.

Sempre tendo a preocupação de partir do conhecimento prévio dos alunos, mesmo não tendo ainda a noção de representações sociais, ou mesmo, da discussão que aqui tomamos como nosso referencial teórico, especialmente, Jörn Rüsen e a didática da História, para relacionar o ambiente da vida cotidiana dos alunos no campo, com a História de vida dos índios, foi possível encenar suas vidas através da História. Mesmo porque ainda vivíamos resquícios da formação docente em cursos de licenciatura de Estudos Sociais, e a pesquisa era quase inexistente. Segundo Selva Guimarães, (2012) “O professor de História nos cursos superiores de estudos sociais era habilitado e qualificado para desempenhar o papel de instrutor de uma perspectiva de formação técnica” (GUIMARÃES, 2012, p. 31)

Podemos observar que era recorrente a falta de produção de saberes, porque ainda se preconizava a formação de um professor transmissor de conhecimentos. Ou seja, um ensino desvinculado da pesquisa, daí a dificuldade do professor em visualizar a importância de comparações entre grupos e sociedades em diferentes tempos e espaços.

Diante dessas dificuldades, os professores não desistiram da luta e foram buscar as formações continuadas e cursos de especialização para minimizar as deficiências de um curso superior mais técnico, que formava professores reprodutores do saber, e não professores atuando como sujeitos produtores do conhecimento.

Nessa experiência primeira, além da leitura do livro, levamos os alunos ao Museu do Índio, em Uberlândia, o envolvimento foi muito significativo, percebemos que houve a compreensão do conteúdo de uma forma diferente e esses alunos ficaram curiosos em saber mais sobre as vivências de uma outra cultura, se esforçaram na produção dos materiais, mostrando o encontro dos europeus com os nativos, para, posteriormente, encenar o que haviam aprendido. Da perspectiva do olhar de cada um, entendemos que o caminho do aprendizado é permitir aos estudantes o aprender fazendo com acertos e erros.

Após dez anos nessa escola rural, pedi a remoção para a escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, situada na região urbana de Uberlândia, com o objetivo de diminuir a distância de minha residência à escola, facilitando o tempo de trabalho e a convivência com os familiares.

Já, no segundo ano, nessa escola, foi desenvolvido, junto a outras professoras, um projeto interdisciplinar com a metodologia do teatro.

2 - Experiência de consolidação: a metodologia que deu resultados.

Em 2001, na Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhã, elaboramos um projeto interligando três disciplinas - História, Geografia e Educação Física (dança) – e, conjuntamente, discutimos o projeto abordando o tema da corrupção política. Os alunos conheciam superficialmente, através dos meios de comunicação e de livros didáticos, o conteúdo específico desenvolvido no projeto.

Em História, trabalhamos a monarquia absolutista, ou seja, a autoridade do rei/rainha era absoluta e não podia ser contestada, evidenciando as relações de poder entre os mandos e desmandos de um rei/rainha sobre seus súditos, comparamos com a corrupção política na atualidade do contexto brasileiro. Concomitantemente discutimos a monarquia no Brasil e, posteriormente, a República brasileira, provocando a reflexão entre o presente e o passado, visando ao desenvolvimento da consciência histórica que os alunos têm de si mesmos e do mundo.

No decorrer do trabalho, os alunos tiveram a oportunidade de participar de uma atividade interdisciplinar entre História, Geografia e Educação Física com o projeto intitulado Dança na Escola. O tema foi trabalhado com diferentes enfoques conforme a realidade político social do Brasil. Nosso intuito foi também desenvolver habilidades, valores e atitudes que, numa situação inicial do projeto, aparentemente, não eram muito visualizados.

Foi estabelecida uma relação entre o contexto histórico absolutista, quando se iniciou o processo de formação das fronteiras territoriais entre países, havendo uma luta política entre os reis para governar esses territórios recém-formados, com os temas ligados geograficamente às relações de poder na atualidade. Por exemplo, a localização espacial das fronteiras políticas mundiais e brasileiras.

Nas aulas de Educação Física, o projeto de dança na escola retratou, através da expressão corporal, de forma harmoniosa e com irreverência, o poder dos reis, a luta das classes sociais menos favorecidas diante da exploração social. Indiretamente, foram envolvidas outras áreas do conhecimento como língua portuguesa, pois os alunos fizeram uso das linguagens escrita e falada, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual.

Após a contextualização do tema discutido nessas disciplinas, escolhemos esses conteúdos para representar teatralmente, na escola, a peça *A Lei e o Rei*, de Teresa Frota (1998). O processo se iniciou com a realização de jogos teatrais nos quais os alunos tiveram a oportunidade de mostrar suas habilidades. Democráticamente, os interessados

compareceram às reuniões, feitas extraturno na escola e, até mesmo, em nossas casas, devido às dificuldades encontradas no espaço escolar. Os interesses de cada aluno começaram a aflorar para diferentes grupos: alguns se identificaram com as coreografias e outros, com personagens específicos da peça.

Figura 4: Quadros de exposição



Fonte: Acervo da autora. Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa (2001)

Figuras 5: Jogo do espelho e Jogo da Explosão de alegria e tristeza



Fonte: Acervo da autora. Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa (2001)

O jogo permite ao ser humano experimentar e vivenciar novas situações. É possível também desenvolver nos jovens, e não só neles, a imaginação e a criatividade que existem dentro de cada um de nós.

Iniciar uma atividade teatral na escola, através de jogos, é um desafio e, ao mesmo tempo, um divertimento. Educar também significa mostrar ao aluno que ele pode ser criativo em qualquer situação de sua vida, no presente e no futuro, e, ainda, através dos jogos teatrais, mostrar que o aluno tem a oportunidade de atuar criativamente, encontrando suas próprias soluções para as dificuldades que lhes sejam apresentadas no momento do jogo e no seu cotidiano. “A prática do teatro-educação a partir dos jogos teatrais, sem eliminar os objetivos expressivos do sujeito em formação, acrescenta o desenvolvimento das habilidades cênicas no ensino do teatro em sala de aula” (ANDRÉ, 2011, p.161).

O primeiro objetivo de um jogo teatral escolar é a integração do aluno ao grupo, com atitudes de cooperação, coordenação e coletividade e, para isso, existem diversas técnicas de aproximação e formação de grupos. Mas é extremamente necessário também intensificar nos alunos a capacidade de observação, imaginação, concentração, criatividade, de expressão através de gestos e palavras e de interagir através da comunicação.

Podemos destacar também a importância dos jogos teatrais com exercícios de sensibilização motora e sensorial, que instigam o participante a olhar sobre diferentes realidades. Sua linguagem ajuda no aprendizado sobre nós mesmos, nossas relações com o cotidiano, a História do país, no despertar das capacidades criadoras dos alunos, de modo que eles se sintam motivados para a prática teatral, representando os conteúdos históricos em sala de aula.

No desenvolvimento de nossa experiência teatral, tivemos a oportunidade de utilizar diversos jogos teatrais inspirados no curso Iniciação à Linguagem Teatral, ministrado pela prof.^a Rosemeire Aparecida Ferraro, no CEMEPE, em 1999, e cursado pela Prof.^a de Geografia Silma Rabelo Montes. Entre eles, destacamos o **Jogo da explosão**, no qual alunos caminham pelo espaço e, ao som de palmas, se exaltam num movimento brusco, representando uma emoção ou um sentimento destacado pelo professor coordenador. Enfatizamos a alegria e a tristeza que eram demonstradas através de movimentos e expressões. O objetivo desse jogo foi trabalhar reflexos, precisão de movimentos e sentimentos. Através de um jogo conhecido como **Quadro de exposição**, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver atenção, percepção, observação e união do grupo com a reprodução de cenas e a partir de gravuras de obras de artistas famosos.

Não podemos deixar de mencionar os outros jogos desenvolvidos:

- 1- Jogo do lenço:** todos sorriem conforme o movimento do lenço. Depois, todos choram conforme o mesmo movimento do lenço. O objetivo é desenvolver a atenção;
- 2- Jogo do cabo de guerra imaginário:** os alunos dividem-se em dois grupos e imitam o jogo do cabo de guerra verdadeiro, desenvolvendo um trabalho coletivo e de muita criatividade e atenção;
- 3- Jogo do espelho:** em duplas, os alunos imitam os movimentos um do outro, como se estivessem em frente a um espelho, desenvolvendo a concentração;
- 4- Jogo de representações de animais:** cada aluno escolhe um determinado animal e o imita, interagindo com os colegas, para isso, tendo que descobrir o animal que o colega representa. O objetivo é desenvolver representação, movimento e concentração;
- 5- Jogo da modelagem livre:** em duplas, um aluno deverá modelar o outro e criar imagens cênicas, estáticas como foto. O objetivo é desenvolver a consciência corporal através do toque, da cooperação e da criatividade;
- 6- Jogos dos balões:** em duplas, um aluno representa o balão e o outro enche o balão. O aluno que faz o balão passará de balão murcho a balão cheio, conforme a intensidade que o outro enche. Isso permite a movimentação e a concentração;
- 7- Jogo da sombra:** feito em duplas ou com mais alunos, sendo que o aluno de trás imita os movimentos do outro. É possível desenvolver percepção e movimento;
- 8- Jogo do ritmo:** feito em grupos de mais ou menos cinco alunos, todos caminham (um grupo de frente para o outro), desenvolvendo movimentos sincronizados e combinados anteriormente e pronunciando sons. Cada grupo com seus movimentos e sons. Ao cruzarem, trocam as sequências e continuam o caminho. O objetivo é desenvolver atenção e coordenação motora;
- 9- Jogo de imitar a pose:** os alunos fazem poses variadas e congelam. Um aluno desfaz sua pose, imita a de outro colega que, por sua vez, imitará outro e assim sucessivamente. Isso permite aguçar o senso de observação;
- 10- Jogo do telefone sem fio:** em roda, cria-se uma palavra de, no mínimo, cinco sílabas, que deverá ser passada adiante até chegar ao último aluno. Avalia-se, depois, até qual participante a palavra escolhida foi mantida. Isso trabalha a dicção e o ouvir;

11- Jogo da radionovela: o grupo monta uma cena rápida e apresenta para os colegas, usando a palavra e o som. O coordenador poderá escolher uma cena de drama, alegria, tristeza, tragédia. O objetivo é dar ênfase à expressão vocal;

12- Cenas da peça *A Lei e o Rei*: os alunos escolhem uma cena da peça e representam-na com palavras, gestos e expressões.

Figuras 6: Ensaios da peça *A Lei e o Rei*. Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhôa (2001).



Fonte: Acervo da autora

Na peça teatral escolhida para a montagem deste trabalho, foram feitas algumas adaptações, como exclusão de falas e adição de jogos teatrais e coreografias. É uma peça épica, que mostra a corrupção política em uma forma de governo monárquica, evidenciando as relações de poder entre os mandos e desmandos e conspirações do poder de reis/rainhas sobre seus súditos. A peça é uma metáfora caracterizada como comédia, mas expressa coisas muito sérias, conforme podemos verificar em citações da referida peça:

HEDIONDO: Mas, e eu? Não vou ser Primeiro Ministro? Estudei tanto!
 REI: Eu levei anos para derrubar Olígonos do trono e você já quer ser Primeiro Ministro? Papel e lápis, Hediondo! (Hediondo tira um bloquinho do bolso).
 REI; Só isso? Onde você pensa que está? Eu sou um rei de muitas ordens e muitas leis! (Dartagham, o Bobo da Corte entra com um enorme rolo de papel)
 REI: Agora sim! Escreva. Hediondo. (O Bobo fica bisbilhotando)
 REI: Chispa, xô, xô! Passa fora! (O Bobo sai). Batatas! Lembre-me de despedir esse Bobo da Corte! Tem cara de inteligente! (Dita)

PRIMEIRA LEI: O rei Máximo faz aniversário todos os dias! E os súditos devem trazer presentes! Eu adoro ganhar presentes! Segunda lei: as televisões do reino só devem passar desenhos animados! Sem serem repetidos! Terceira lei: os livros devem ter muitas figuras e poucas letras. Não é bom que o povo leia muito. Quarta lei: os alunos terão oito meses por ano. Quinta lei. (O rei vai saindo com Hediondo atrás anotando) [...]

[...] REI: Férias, Hediondo! Um grande monarca como eu precisa de férias de vez em quando! O que é que tem?

HEDIONDO: Oligonos, o nono, pode se rebelar, ouvi dizer que ele anda pelas ruas falando ao povo!

REI: Ah, ah, ah, Oligonos, o Nono é um chato falador! Tão chato e tão falador que ninguém mais o ouve! E ele vai se rebelar com quê? Com paus e pedras? Nós temos a guarda! É só mais um imposto!

Quero viajar e preciso de muito dinheiro! Não vejo a hora de ganhar milhares de sacos de ouro! Ah, eu amo, adoro, venero ouro!

(FROTA, 1995).

A autora, ao fazer a relação passado/presente, possibilita aos envolvidos um diálogo constante e uma conscientização de que os problemas vividos pelas sociedades contemporâneas não são recentes. Como o trabalho foi interdisciplinar, envolvendo História, Geografia e Educação Física (Projeto Dança na Escola), o tema fazia parte do conteúdo curricular trabalhado nessas disciplinas, nas 7ª e 8ª séries (hoje, 8º e 9º anos). Os alunos acompanham, através da escola e dos meios de comunicação, as questões políticas do nosso país. Consequentemente, a oportunidade de aprender de uma forma cômica e lúdica.

Observamos que foram desenvolvidas a responsabilidade, a afetividade, as experiências, os valores pessoais e coletivos e, também, a percepção da diferença do outro e da semelhança entre nós. Compartilhando as ideias de Selva G. Fonseca,

[...] para que se desenvolva os conhecimentos históricos nos estudantes, é necessário desenvolver competências de “representação e comunicação, investigação e compreensão e contextualização cultural, ” o que implica o aluno saber ler, analisar, contextualizar e interpretar fontes documentais, dentre outras habilidades (2012, p. 60).

No que se refere ao cenário envolvendo a disciplina de Artes, é importante lembrar que, como produto de um ato criativo, a cenografia traduz a intenção de organizar visualmente o lugar teatral, estabelecendo a relação cena/público. Desse modo, o cenário representa e está integrado a nossa proposta de montagem da peça teatral.

Figuras 7: Apresentação da peça teatral *A Lei e o Rei*, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais. (2001)



Fonte: Acervo da autora

Figura 8: Convite da peça teatral *A Lei e o Rei*. Teatro Rondon Pacheco.



(2001) Fonte: acervo da autora.

A comparação entre passado e presente também está evidenciada no cenário e no figurino da peça *A Lei e o Rei*. O painel do cenário mostra um castelo cujas estruturas de sustentação são as duas torres, da Câmara e do Senado, entre as cúpulas do Congresso Nacional, em Brasília. Assim, relaciona-se uma forma de governo monárquica com o sistema republicano

presidencialista brasileiro atual. Alguns móveis usados na montagem do cenário são rústicos e, ao mesmo tempo, foram utilizadas peças contemporâneas. No figurino, houve um equilíbrio entre roupas do período imperial brasileiro e traços modernos que foram adaptados em função da limitação de recursos materiais para sua confecção.

As coreografias apresentadas no decorrer da peça deram mais graça ao espetáculo. Tendo como suporte sonoro, músicas do repertório nacional, principalmente, e do internacional, escolhidas com objetivos específicos para cada uma. A primeira foi *A ponte sobre o rio Kwai* (Malcolm Arnold), durante a qual as alunas dançavam marchando para a apresentação de dois personagens da peça chamados de Lindomais e Belamenos, ambos filhos do rei. A segunda foi *Que país é este*, da banda Legião Urbana. O objetivo foi mostrar a classe menos favorecida do país sendo explorada pelo rei. A última música foi *Que rei sou eu*, de Eduardo Dusek, cujo objetivo da apresentação foi encerrar a peça que enfoca reis e corrupção, com o olhar que cada um tem sobre o “rei” que está dentro de cada um de nós. Além das músicas integrantes das coreografias, outras músicas também constituíram a sonoplastia da peça.

Figuras 09: Coreografias da peça teatral *A Lei e o Rei*. (Teatro Rondon Pacheco, 2001)



Fonte: Acervo da autora

Embora o Projeto não tenha tido o apoio institucional necessário em todo o processo de aprendizagem, o trabalho foi muito significativo, não somente das professoras e alunos envolvidos no projeto, mas também para toda a equipe escolar, e, na finalização do projeto, teceu vários elogios à atividade, conforme palavras da diretora da escola, Marta Fontoura: “Este sonho que começou há tempos atrás, foi tomando forma e beleza e hoje contagiou a todos nós”. Os resultados produtivos desta experiência nos deram força para lutarmos pela implantação do projeto “Teatro na Escola”, nos próximos anos, pois nos enriqueceu como profissionais, e, apesar das dificuldades, limitações de recursos, falta de experiência profissional com o teatro, ousamos sair das quatro paredes de uma sala de aula e buscamos alternativas que levassem os alunos a analisarem, criticarem, se inter-relacionarem, ocupando, de forma mais produtiva, os seus horários ociosos, aprendendo e vivenciando o processo histórico de maneira prazerosa e descontraída.

O teatro possibilita trabalhar temáticas propostas nos currículos de uma forma prazerosa para nós professores e jovens alunos, cujos hormônios estão à flor da pele e os neurônios com ideias borbulhando; eles sentem-se à vontade e interessados na representação do lúdico. A capacidade criadora está no ser, mas é preciso ensiná-lo a liberá-la. Para os professores, trata-se de um desafio, porque nos ajuda a diminuir as aulas expositivas somente com livros didáticos e com exercícios que nem sempre possibilitam a reflexão crítica do contexto vivido, portanto, são desafios que, mesmo sem recursos materiais, mobilizam a ousadia e vontade de mudar as formas de ensinar e aprender. O ensino-aprendizagem enrijecido, que, na sua essência, ainda continua estruturado num sistema tradicional e, muitas vezes, autoritário, já não responde aos anseios de quem está na escola no século XXI.

Então o desejo, a motivação e a busca constante do conhecimento contrariaram a estagnação. Realmente, foi uma guerra na qual quem venceu foi o que move o ser humano para a vida, a constante busca para a transformação pessoal, política, cultural e social. Teatro é vida. Acreditamos que, através dessa parceria, seja possível o ser humano sentir-se mais humano. Enfim, é urgente termos a coragem de experimentar outras metodologias para o ensino- aprendizagem.

O trabalho foi apresentado na Escola Municipal Prof^o. Domingos Pimentel de Ulhôa, no Teatro Rondon Pacheco, em Uberlândia, no Centro de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz e no Congresso de História em 2002.

Uma apresentação na escola não foi concluída devido a problemas com a chuva,

que inundou o pátio da escola, e tivemos que interromper a apresentação. Os alunos, professores, direção da escola e representantes da Secretaria Municipal de Educação, com a presença do Secretário de Educação, José Eugênio Diniz Bastos, e sua assessora, Maria Elita de Andrade Melo Barcelos, ficaram muito sensibilizados com o acontecimento, embora não tenham dado o apoio necessário, participando apenas da fase final do projeto. Isso demonstra o desinteresse do poder público, não necessariamente o desinteresse individual das pessoas, em promover uma educação de qualidade, não obstante, a boa vontade dos professores envolvidos, a garra e a vontade de mostrar essa peça que fizemos com tanta dedicação e valorizando todo o processo, que envolveu muito aprendizado, nos levou a uma apresentação no Teatro Rondon Pacheco, em Uberlândia. No início da apresentação, a diretora da Escola, Marta Fontoura, nos homenageou com uma fala:

Professoras Geysa Lacerda, Maria Helena, Silma Rabelo e todo o elenco da peça *A Lei e o Rei*. Hoje o dia é de vocês.
 Que vocês possam jamais desistir de seus sonhos e que vocês possam brilhar no palco da mesma maneira que vocês já brilham na vida!
 E a todos vocês, nossos amigos, que possam desfrutar de momentos agradabilíssimos, nesta peça que foi preparada com muito amor, especialmente para vocês!
 Hoje é um dia de festa! Sendo assim, gostaria de cumprimentar a cada colega, pai, aluno, professor e amigos aqui presentes!
 Gostaria também de dizer que, se hoje estamos aqui, é porque acreditamos em um sonho e prosseguimos este sonho.
 Por isso, digo que:
 Vale a pena sonhar... sempre!
 Vale a pena acreditar no sonho.
 Este sonho que se tornou belo e grandioso, portanto, uma simples chuva não poderia destruí-lo. Ele já estava robustecido pela força do amor.
 (Registrada por escrito (Acervo da autora.)

Após a fala da diretora, nós, professoras, também fizemos um texto antes da apresentação no Teatro Rondon Pacheco:

Às vezes, na vida temos que enfrentar alguns obstáculos para alcançarmos determinados objetivos. Em algumas situações, achamos que não vamos conseguir e até pensamos em desistir diante das dificuldades. Mas, quando encontramos apoio em companheiros de jornada, através de uma palavra de incentivo, um gesto, um elogio, desperta-se uma vontade de vencer e se superar.
 No decorrer do ano, no desenvolvimento deste trabalho, houve momentos de tristezas, de incertezas, decepções, mas houve principalmente, grandes momentos de alegria, descontração, descobertas, profissionalismo e muito companheirismo.
 Juntos, alunos, professores e escola, todos se colocaram à disposição do conhecimento e da expressão artística e resultou nesta peça teatral que vocês

vão assistir agora; momento em que nossos alunos poderão expressar, através de palavras, gestos, dança e emoções, tentando colocar um pouco mais de amor e de alegria no coração de cada um de vocês.

Agradecemos a todos aqui presentes: autoridades da Secretaria da Educação, administradores da escola, funcionários, as pessoas que ajudaram no cenário, como é o caso da loja Brasil Colônia, que nos emprestou o trono; a cadeira do rei.

Agradecemos aos pais aqui presentes e principalmente os nossos alunos que estão aqui para prestigiar os colegas de sala, que tanto se esforçaram para a realização desta peça teatral.

A peça que será apresentada é uma adaptação da peça *A Lei e o Rei*, de Tereza Frota, é uma comédia e ficou ainda mais engraçada porque temos em cena alunas que interpretam personagens masculinos, com muita graça e dedicação. Este trabalho foi idealizado pelas professoras, Silma Rabelo (Geografia), Maria Helena e Geysa Lacerda (História) e alunos de 7ª e 8ª séries da Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhôa. Houve também uma grande integração com a professora Valéria Sousa (projeto de dança na Escola), que desenvolve um trabalho excelente com alunos desta escola e também dos pais dos alunos e alunas pela compreensão e apoio.

Obrigada pela presença de todos. Esperamos que todos se divirtam e tenham um bom “espetáculo” (Registrada por escrito). Acervo da Autora.

Após as representações, fizemos uma discussão com os alunos envolvidos. O aluno Diansley dos Santos (aluno da 8ª série), que representou o rei, escreveu um texto poético refletindo sobre o trabalho com o teatro.

Na vida, o tempo todo, brincamos de teatro...

Nas asas de nossa imaginação visitamos florestas encantadas, vamos a reinos desconhecidos e até mesmo a florestas amaldiçoadas.

Quando nascemos, já ganhamos um papel, alguns amorosos, outros ciumentos, e até mesmo papéis depressivos.

Em certo ponto da vida, somos obrigados a trocar de papéis; o mocinho que virou vilão; o vilão que se converteu em padre; o padre que fugiu com a noiva...

Interpretar papéis é mais do que decorar falas; é vivenciar, é chorar, é rir, é odiar. O palco é como se fosse um trono, no qual vamos reinar por uns minutos tendo o momento de glória, brilho e alegria ou não!

Enfim, teatralizar é simplesmente viver por um momento, sem vergonha de errar e ser feliz. (Registrada por escrito) Acervo da autora.

Na roda de conversa, alunos participantes da peça e professores envolvidos discutiram os resultados do trabalho com o teatro. Vejamos alguns depoimentos:

- Este trabalho com teatro me ajudou acabar com minha timidez, eu aprendi a me soltar mais, para apresentar em público, com várias pessoas.
- Além da pesquisa do conteúdo, a gente aprendeu brincando e fizemos um teatro que foi excelente.
- Foi uma coisa diferente, nunca tinha participado, sempre tive vontade de participar. Eu sou mais à vontade, só que na sala de aula, sei lá, eu sou meio quieta, meio parada, mas o teatro me ajudou a ter mais liberdade de expressão, de eu poder expressar aquilo que eu quero, me sentia insegura para expressar

para a maioria das pessoas. Agora não, eu mesmo expresso o que eu quero sem medo.

- Eu acho assim, não só pela experiência, mas também pelas novas amizades, a gente faz porque a gente estava gostando e não fomos obrigados. Vocês nos convidaram e fomos com o maior bom gosto. As palmas no final me emocionaram (Registrada por escrito e gravada em vídeo, alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da autora

Eles falaram a respeito da amizade, da experiência com o teatro, e, então, pedimos a eles que falassem também em relação ao pedagógico, aos conhecimentos transmitidos de História e Geografia:

- Ajudou né, deu para perceber que a corrupção sempre existiu e mesmo que as pessoas falem, que não vai mais existir ela está aí acontecendo sempre do mesmo jeito. Eles sempre acham que são os maiores, acham que o povo simplesmente serve para colocá-los no poder e depois escravizam as pessoas.

- As pessoas do poder pensam que o povo não tem direito a nada. Tem que ser tudo do jeito deles, do modo como eles querem e no teatro mostrou que não precisa ser assim. A gente tem que saber lidar com as pessoas e cada um tem o seu direito.

- Minha mãe falou que foi emocionante, porque ela nunca imaginou, eu sempre falava da peça, mas ela nunca imaginou que a gente tivesse a capacidade de incorporar o personagem tão bem, ela falou que nós estávamos parecendo artistas de verdade, encenando super bem. (Registrada por escrito e gravado em vídeo alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da Autora.

Destacamos, ainda, que a peça é uma comédia, e que eles se saíram muito bem. Nesse sentido, perguntamos a eles se a peça teria sido mais difícil se fosse um drama. Eles, assim, responderam:

- Não, eu acho que quem faz a comédia, tem a capacidade de fazer um drama, terror, de qualquer coisa. Tá certo que tem pessoas que representam melhor um drama, mas, o que importa é incorporar o personagem, você ser o personagem na hora de apresentar (Registrada por escrito e gravado em vídeo alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da autora

Perguntamos também como foi a experiência das alunas ao interpretar papéis masculinos. E elas se posicionaram:

- Para mim, foi uma coisa que nunca imaginei fazer, porque sou muito feminina, eu gosto de brinco, colar, pulseiras e chega no teatro e aí tive que colocar bigode, coisa que eu nunca imaginei que ia pôr, foi assim uma coisa diferente, mas eu quis fazer. A minha prima disse: você tem certeza? Eu tenho, porque eu acho que tudo é pela arte. Não importa se você vai fazer o papel de pobre, de rico, de homem, de mulher. O que importa é se você se sente bem com aquele papel. Eu amei.

- Ficou até engraçado, pelo fato de ser comédia e a gente vestir de homem, nossas mães falaram que de homem a gente só tinha a cara, porque

estávamos rebolando do mesmo jeito (Registrada por escrito e gravado em vídeo alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da autora

Figuras 10: Alunas na interpretação de papéis masculinos, Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhôa, 2001.



Fonte: Acervo da autora

Indagamos a eles a respeito das dificuldades no decorrer dos ensaios.

- Eu moro longe e tinha que vir a pé para os ensaios, então meu pai disse: ou você estuda ou faz teatro e eu respondi: vou fazer os dois, então tive que fazer os deveres a noite para meu pai me deixar fazer.
- A maior dificuldade para mim, foi com a prefeitura, porque eles são cheios de falar, ah nós ajudamos; ah nós queremos isso, aquilo, para as escolas se tornarem melhores, mas, quando pedimos verba e ajuda percebemos que a realidade não é aquilo que a gente esperava e no final das contas, a gente vai ver que o máximo que eles fazem é comparecer depois de tudo pronto. (Registrada por escrito e gravado em vídeo alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da autora

Por fim, pedimos a eles que definissem teatro:

- Aprendizado, amizade, coletividade, compromisso, cultura, aula diferente, felicidade (Registrada por escrito e gravado em vídeo alunos (as) de 7ª e 8ª séries, 2001). Acervo da autora

No final da roda de conversa, a professora Silma Rabelo (Geografia) disse a seguinte

frase: “a participação é a chave do prazer. Aprender com prazer é a chave da felicidade” (REGISTRADA EM VÍDEO, MONTES, 2001) Acervo da autora.

Logo após a apresentação da peça *A Lei e o Rei*, continuamos trabalhando de forma interdisciplinar e seguimos caminhos ousando o passo. Discutimos a questão ambiental em Geografia. Mas como a História pode colaborar? Pensar uma pesquisa que envolva educação ambiental e ensino de História não é uma tarefa fácil, porque, em geral, os profissionais da área de História não têm uma formação específica para o debate ambiental.

Nesse caso, o professor deve ter conhecimento sobre os conceitos e métodos de sua disciplina escolar para poder dialogar com os colegas de outras disciplinas. Para isso o professor deve organizar e sistematizar as informações que possam prover aos alunos uma visão de conjunto.

3 - A História e sua importância social: o teatro de conscientização.

Pensando em unir Geografia e História, discutimos como seria abordar os conteúdos históricos sobre o meio ambiente e, nesta discussão, percebemos que essas duas disciplinas têm muitas aproximações, por exemplo, o conteúdo sobre revolução industrial, trabalhando e fazendo uma análise crítica com os alunos, mostrando que, já nas primeiras indústrias, a exploração ambiental foi desenfreada pelo capitalismo.

Nessa perspectiva, é fundamental que os professores de História façam a relação passado e presente, compartilhando com os alunos os desastrosos problemas ambientais no espaço e tempo na sociedade atual. Podemos relacionar também a questão da poluição da água dos rios, do ar, do consumismo industrial, que leva ao crescimento populacional galopante dos centros urbanos sem estruturas para melhorar a qualidade de vida de milhares de seres humanos, que são constantemente desrespeitados e, com isso, sofrem pelas condições climáticas, responsáveis por crises econômicas devido ao avanço de epidemias, chuvas que destroem construções e plantações e alagam cidades.

Podemos refletir que existe uma constante luta do homem com a natureza com o objetivo de explorá-la, provocando destruição, em nome do desenvolvimento econômico e produção de riquezas. Em contrapartida, há grupos que lutam para preservar o meio ambiente no tempo e no espaço.

Na educação, podemos fazer um trabalho sobre tempo histórico e espaço geográfico

com um projeto interdisciplinar, principalmente, em História e Geografia, para realizar o estudo do meio ambiente com trabalhos elaborados com o objetivo de motivar e provocar nos alunos as observações necessárias para uma possível mudança de comportamento ambiental, nem que sejam iniciativas pontuais, porque, como já foi mencionado, é visível a falta de vontade política do poder público para uma abordagem eficiente sobre o tema, haja vista que, mesmo com a boa vontade dos professores, a questão ainda é tratada superficialmente.

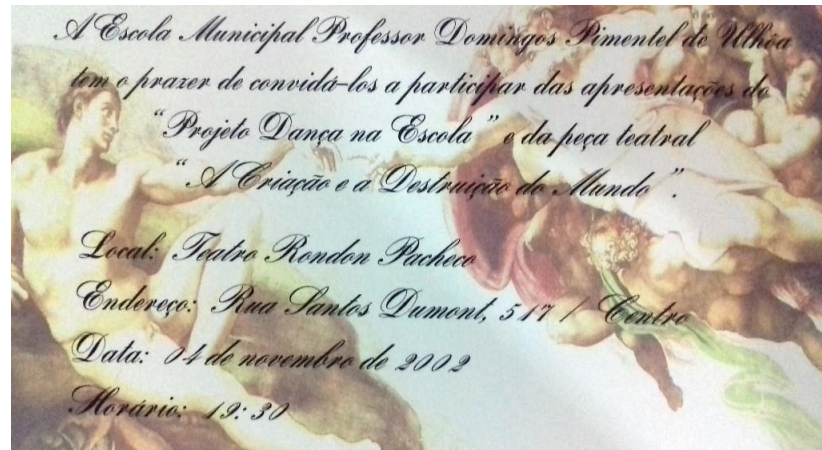
Diante da falta de estrutura para trabalhar a questão ambiental, optamos por fazer um trabalho interdisciplinar, abordando, em História, pesquisas sobre o meio ambiente do bairro local, comparando com outros bairros da cidade. Em Geografia foram explorados os aspectos físicos como o clima, a vegetação e o relevo dos bairros e das cidades como um todo. Pensando nessa possibilidade de integrar as diferentes disciplinas, propomos um trabalho teatral sobre a criação e destruição do mundo.

Figuras 11: Apresentação da peça teatral *Criação e Destruição do Mundo* (Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, 2002).



Fonte: Acervo da autora

Figura 12: Convite da peça teatral *Criação e Destruição do Mundo*.



Fonte: Acervo da autora

A peça *Criação e Destruição do Mundo* foi escrita por Josimário de Paulo Ferreira, professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Educação de Uberlândia, no ano de 1994, e encenada na época, de maneira bem simples, sem ser em forma de projeto. Quando foi desenvolvida, na Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhêa, em 2002, ela foi adaptada pela professora Silma Rabelo (Geografia), com a atualização de algumas informações e acréscimo de coreografias, uma vez que a escola possuía o projeto Dança na Escola, coordenado pela professora Valéria Souza, que foi parceira na proposta.

O objetivo geral era encenar personagens e situações ligadas à questão ambiental e social, cuja temática havia sido desenvolvida em sala de aula, não somente com os alunos que atuavam na peça teatral, e sim com alunos de turmas de 7º, 8º e 9º anos, nas disciplinas de Geografia e História.

Na disciplina de Geografia, foram discutidas em sala de aula questões ligadas à poluição de águas, enfocando os próprios córregos urbanos de Uberlândia, inclusive com trabalhos de campo em alguns desses córregos. Também foi discutida a questão dos desmatamentos, e os alunos foram orientados a observarem a arborização dos passeios das ruas do bairro onde moravam, detectando-se a importância da manutenção das árvores nas cidades com vistas a ambientes mais naturais. Além disso, os alunos foram orientados a fazerem pesquisas sobre a poluição de outros rios do Brasil e do mundo e sobre os desmatamentos no Brasil e no mundo.

Na disciplina de História, foram trabalhadas as questões sociais (riqueza, pobreza, doenças, fome...). Ainda foram discutidos valores como justiça, paz, o bem se contrapondo ao mal. O destaque foi o duelo entre o bem, representado por Carlitos, personagem de Charles Chaplin, com textos do “Último Discurso”, do filme “O Grande Ditador” e do poema “Rosa

de Hiroshima”, e o mal, representado por Hitler, com o poema “A Bomba”.

A discussão sobre o maniqueísmo da relação bem/mal não foi aprofundada no debate, já que exigiria uma leitura mais filosófica e analítica da História. Em outro momento, se repetida a experiência, será interessante construir essa problemática.

Os temas foram discutidos em sala de aula após a realização de pesquisas orientadas pelas professoras. Na disciplina de Geografia, houve os trabalhos de campo. Na disciplina de História, os alunos tiveram a oportunidade de ver o filme “O Grande Ditador” - Charles Chaplin (1940).

O projeto desenvolvido em sala de aula, que culminou com o desenvolvimento da peça teatral, foi montado a partir dos PCNs, nas áreas de Geografia e História, bem como nos seus Temas Transversais: Ética, Meio Ambiente e Saúde. O enfoque foi local e global.

Seguindo essas preocupações, foram selecionados os conteúdos que:

- a. contribuam com a conscientização de que os problemas ambientais dizem respeito a todos os cidadãos e só podem ser solucionados mediante uma postura participativa;
- b. proporcionem possibilidades de sensibilização e motivação para um envolvimento afetivo;
- c. possibilitem o desenvolvimento de atitudes e a aprendizagem de procedimentos e valores fundamentais para o exercício da cidadania, ressaltando-se a participação no gerenciamento do ambiente;
- d. contribuam para uma visão integrada da realidade, desvendando as interdependências entre a dinâmica ambiental local e a planetária, desnudando as implicações e causas dos problemas ambientais;
- e. sejam relevantes na problemática ambiental do Brasil;
- f. sejam compatíveis com os conteúdos trabalhados pelas áreas nesses ciclos, possibilitando a transversalização;
- g. sejam condizentes com a expectativa de aprendizagem nesse nível de escolaridade (PCNs, 1998, p. 202-203).

Como mencionado anteriormente, os próprios PCNs orientam quanto:

- A contribuição da escola, portanto, é a de desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la. Um projeto pedagógico com esse objetivo poderá ser orientado por três grandes diretrizes:
- h. posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;
 - i. não tratar os valores apenas como conceitos ideais;
 - j. incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos das áreas de conhecimento escolar (PCNs, 1998, p. 24).

Nessa peça teatral, houve um trabalho árduo devido à participação de vários alunos envolvidos e também professores. Tivemos dificuldades nos ensaios por falta de espaço na escola, alunos faltosos, dificuldades com o figurino, que dependia de muito tempo para ser confeccionado, cenário muito criativo elaborado pela professora de arte Cida Santos, que também demandava tempo. Mas, mesmo diante de todos esses problemas, não desistimos. A peça foi apresentada na escola, no sindicato dos professores e no Teatro Rondon Pacheco, em Uberlândia.

Todo esse processo foi um aprendizado para os alunos e professores, porque o importante é o processo de aprendizagem em termos coletivo, amizade, identidade, consciência do eu e do outro, nos limites de cada um, principalmente nas diferenças culturais, sociais, gênero e a própria vida em comunidade.

Posteriormente, a essas experiências, mesmo com a promessa dos gestores da escola em continuar com o projeto Teatro na Escola, não recebemos nenhum tipo de apoio estrutural ou didático para a continuidade das ações. Isso porque, acredito, faltam políticas públicas educacionais e também de políticas sociais para que todos tenham oportunidades iguais estudando em escola pública gratuita e de qualidade. Todos os discursos políticos e, mesmo os meios de comunicação, concordam com a importância da educação, valorização do professor, mas, na prática, muito pouco se faz.

Mesmo diante dessa realidade, os professores da Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, situada na região urbana de Uberlândia, em 2008, deram sequência a essa metodologia do teatro nas aulas de História. Na tentativa de buscar resultados diferentes com os estudantes, pesquisamos uma bibliografia mais variada sobre a República Velha (1889-1930), conteúdo ministrado na 8ª série (hoje, 9º ano), refletindo uma realidade de grande instabilidade política. Nesse sentido, foi proposta uma roda de conversa partindo do conhecimento prévio dos alunos. De acordo com a reflexão da historiadora,

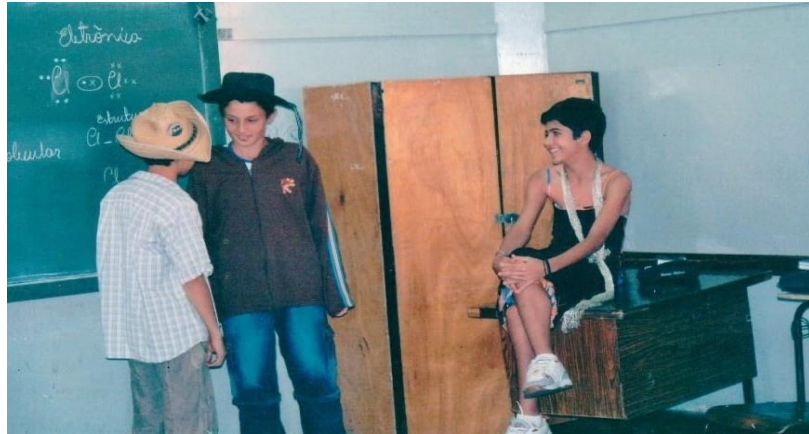
O importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente - no caso, por interferência pedagógica – de maneira que se evitem formas arbitrárias e apresentação de conceitos sem significados, os quais acabam sendo mecanicamente repetidos pelos alunos, confundindo-se domínio conceitual com definição de palavras (BITTENCOURT, 2011, p. 189).

Entendemos que não é adequado o conhecimento histórico sem o domínio

conceitual, ou seja, a capacidade para diferenciar, comparar e relacionar as experiências históricas vividas pelos alunos. Após este diálogo, o professor deve introduzir um estudo histórico sistematizado e organizado objetivando o desenvolvimento dos alunos. Nessa sistematização foi contemplada a difícil situação econômica das classes menos favorecidas, e a insatisfação dessas com o domínio das oligarquias gerou vários movimentos populares. Nesse sentido, buscamos unir História e teatro, encenando essas rebeliões com um olhar daquela época: Contestado - SC (1912); Canudos - BA (1893); Cangaceiros -CE (1870-1938); Vacina (1904); Chibata - RJ (1910).

Figura 13: Encenações sobre os Movimentos Populares na República Velha. Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa.





Fonte: Acervo da autora (2006)

Embora essas encenações não tivessem, inicialmente, um projeto visando à integração das disciplinas, os alunos puderam compreender os temas trabalhados, expressando um olhar crítico quanto à organização do poder político naquele momento histórico, de uma forma lúdica, dialogando com o passado e percebendo como as lutas de diferentes épocas marcam os embates políticos vividos no cotidiano. Além das encenações teatrais, foi sugerida aos alunos que não quiseram representar ao vivo nas salas de aula a elaboração de vídeos com os mesmos temas. Eles foram muito criativos, mas deram ênfase à questão da violência nessas revoltas.

Após as apresentações, foi conduzido um debate refletindo sobre a violência nos dias atuais, partindo da família, escola, bairro e cidade. Os alunos concluíram que a violência, em seus mais variados contornos, é um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira, mas muitos estudantes disseram que, mesmo a violência fazendo parte da constituição da sociedade, é possível mudar essa situação. Perguntamos a eles como isso poderia ocorrer. E eles responderam: “reuniões com vereadores, com a família e nós aqui na sala pensarmos como cada um deve agir e juntos encontrar soluções”.

O ensino-aprendizagem, com debates sobre o conteúdo, nos mostra que, com um conceito bem assimilado, reflexivo e crítico, é possível mudar e escrever uma outra História. Em nosso caso, os jovens puderam vivenciar relações estabelecidas num determinado momento histórico, conhecendo alguns dos sentimentos dessa época. Nesse sentido, é interessante trabalhar com peças que tragam em seus conteúdos a crítica à realidade, com intuito de travar discussões entre a peça apresentada e situações vividas no tempo presente.

Nessas primeiras experiências, abordando os conteúdos de História, não houve um projeto que envolvesse outros professores. Desse modo, percebemos a necessidade de um

trabalho mais elaborado e interdisciplinar, com entendimento de que, assim, podemos manter um diálogo permanente com outras áreas de conhecimento, priorizando e conciliando o valor de cada uma.

Nesse contexto, é possível substituir a fragmentação pela interação. Relacionando diferentes áreas de conhecimento, permitindo ao aluno e ao professor conceitos e a construir novos conhecimentos com mais autonomia. Acreditamos que não podemos restringir os conhecimentos a campos fechados como se fossem gavetas que vão abrindo e fechando isoladamente, muito pelo contrário, devemos ultrapassar o conhecimento fragmentado e descontextualizado e privilegiar o conhecimento interdisciplinar para que o aluno possa fazer associações e compreender que o saber não pertence a uma disciplina específica.

A interdisciplinaridade se estabelece à medida que há uma interação entre duas ou mais disciplinas. Nesse horizonte, Selva Guimarães Fonseca afirma que:

Nesse contexto sociocultural e educacional processa-se de forma intensa o debate acerca dos paradigmas, das relações entre os padrões e níveis de conhecimento, das concepções de educação e da escola, o que evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas dos professores no interior dos diferentes espaços educativos. Isso não é novidade. Entretanto, há sim algo novo nessa discussão: a abordagem das formas, relações entre conhecimentos e metodologias. Ao meu ver, é aí que ganha força a ideia da inter e da transdisciplinaridade (FONSECA, 2003, p. 101).

Embora a interdisciplinaridade na escola seja muito falada, pouco é realizada, porque, em um projeto interdisciplinar, são necessários pesquisa, tempo, ousadia e envolvimento para exercer, no cotidiano escolar, projetos que possibilitem a integração entre os conteúdos em diferentes disciplinas que se propõem a trabalhar em conjunto um determinado tema, mas essa integração não deve ser vista como uma simples fusão de conteúdos. Pelo contrário, os professores, em suas diferentes disciplinas, devem trabalhar saberes específicos, entrelaçando, intervindo e construindo o pensamento dos alunos para que estes possam se formar como indivíduos aptos a participarem e intervirem na realidade política, cultural, econômica e social. Como afirma Ivani Fazenda *apud* (FONSECA, 2003, p. 105-6):

[...] um projeto interdisciplinar de trabalho ou de ensino consegue captar a profundidade das relações conscientes entre as pessoas e entre pessoas e coisas. Nesse sentido precisa ser um projeto que não se oriente apenas para o produzir, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um

ato de vontade. Nesse sentido, ele nunca poderá ser imposto, mas deverá surgir de uma proposição, de um ato de vontade frente a um projeto que procura conhecer melhor. No projeto interdisciplinar, não se ensina, nem se prende: vive-se, exerce-se.

Outro tema bastante polêmico é o racismo, e este se expressa de múltiplas formas nas escolas, refletindo sobre essa temática, que, muitas vezes, é trabalhada como um discurso de lamentação. Propomos a leitura do livro *Irmão Negro*, de Walcir Carrasco (2008), que foi também um trabalho interdisciplinar entre professoras de História, Artes e Literatura, na Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, no período de setembro a novembro de 2011.

O processo envolveu os alunos na leitura e interpretação do livro nas aulas de Literatura, o painel, o roteiro, ensaios e encenação feitos pelas professoras de História e Artes e, posteriormente, apresentado em forma de teatro, na Feira cultural, com o projeto A Cor da Cultura, que é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira com base na Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. Os trabalhos desenvolvidos durante o ano são apresentados e expostos nessa Feira.

Por isso, acreditamos que a linguagem teatral é também um mergulho na História, já que se apropria do discurso histórico e possibilita, por vezes, que encontremos formas e autonomia para interpretar criticamente a realidade e lutar para modificá-la.

Nessa concepção, o que justifica esta pesquisa é pensar o teatro como possibilidade para trabalhar temáticas históricas propostas nos currículos escolares, abordando os temas de forma interessante, com o objetivo de reescrever as várias metodologias que podem abrir caminhos com diferentes atalhos, embora o sistema de trabalho pedagógico ainda não contribua para o desenvolvimento das capacidades criativas dos alunos e professores. Como já foi dito, o cotidiano escolar é cheio de limitações e dificuldades que não favorecem o processo de construção de um ambiente criativo.

Nesse sentido, podemos potencializar a dimensão lúdica focada no conteúdo e possibilitando que alunos e professores possam desenvolver os trabalhos com prazer em aprender.

Pearce, conforme discutido por Pereira (2005), considera a brincadeira como base da inteligência criativa, precisando ser desenvolvida para ser atualizada. Para Huizinga (2008), a criança brinca na mais perfeita seriedade. Uma educação lúdica busca a compreensão do ser humano como um ser em movimento permanente de construção de si

mesmo. Pensar o ser humano dessa forma “implica compreendê-lo como um ser em mudança, que possui o potencial de assenhorear-se de si e não como um ser impotente a ser modelado pela escola e a quem deve ser dito o que fazer” (PEREIRA, 2005, p. 2).

Portanto, a ludicidade, o prazer e a brincadeira podem estar associados à aprendizagem, sendo o teatro uma possibilidade de se trabalhar esses três elementos (HUIZINGA *apud* PEREIRA, 2005, p. 2).

Trabalhar o preconceito racial é responsabilidade da escola e pode se realizar por diferentes caminhos, em nosso caso, tivemos como ponto de partida os saberes dos próprios alunos e, posteriormente, a leitura do livro já citado, *Irmão Negro*, de Walcir Carrasco (2008), objetivando a compreensão dos alunos sobre o preconceito racial. Nessa lógica, o professor deve atuar como estimulador do processo de aprendizagem e juntos, professor e aluno, definir a forma de apresentar as suas conclusões sobre a questão inicial. Isso pode possibilitar ao aluno comparar, relacionar e refletir sobre a pluralidade cultural, além de perceber o quanto o preconceito racial age de uma forma danosa na vida das pessoas. O trabalho foi apresentado através de uma peça teatral elaborada e organizada pelos próprios alunos.

Após a representação teatral, foi discutido junto com os alunos todo o processo do trabalho sobre o preconceito racial, e foi percebida a necessidade de lutar por uma sociedade menos preconceituosa. É importante refletir que o saber não surge espontaneamente, nem é algo dado, mas adquirido, produzido e transformado pelos homens. Ensinar História é também pensar e fazer outros percursos, desviando de um modelo de ensino histórico que lida com uma narrativa feita apenas com heróis. Com essa vertente, os alunos se sentem excluídos do processo histórico. Deve-se criar uma metodologia que estabeleça a articulação vivida pelos alunos a partir do conhecimento que estes já possuem na sua leitura de mundo. Portanto,

[...] cabe a escola sublinhar a sua potencial responsabilidade em contribuir para a transformação dos processos de exclusão de parte da sociedade. Ela pode impulsionar uma ação cultural e política, a caminho da transformação da sociedade, por meio da transformação do indivíduo e das relações sociais” (CAVALHEIRO, 2001, p.106).

Acreditamos que, durante todo o processo com a metodologia do teatro, promovemos, mesmo que ainda incipiente, o diálogo, a discussão, o questionamento e o conhecimento de si mesmo, no encontro com as diferenças.

Podemos dizer, então, que a tarefa dos professores de História é, também, formar o cidadão, partilhando saberes, contribuindo para a formação de uma determinada maneira de

ver e compreender o mundo de uma forma crítica. Para isso, segundo Gadamer:

Ninguém pode atualmente eximir-se da reflexividade que caracteriza o espírito moderno. Seria absurdo, daqui por diante, confinar-se na ingenuidade e nos limites tranquilizadores de uma tradição fechada sobre si mesma no momento em que a consciência moderna encontra-se apta a compreender a possibilidade de uma múltipla reatividade de pontos de vista. Também nos habituamos, nesse sentido, a responder aos argumentos que se nos opõem através de uma reflexão em que nos colocamos deliberadamente na perspectiva do outro. (GADAMER, 1998, p. 18).

Observamos que a concepção de ensino não mais pode ser pautada numa educação bancária, empirista, apresentando resultados prontos no sentido de garantir a continuidade dos saberes sem questionamentos. Gadamer nos mostra que essa metodologia tradicional não é mais possível. Para ele, a sociedade como um todo deve questionar os pequenos e grandes problemas que cada indivíduo enfrenta. Para isso, é de suma importância que os indivíduos sejam capazes de interagir na realidade como atores sociais. A escola e o ensino de História devem assumir um papel que possibilita a reflexividade sobre o mundo em que vivemos para que todos, especialmente os estudantes, possam atuar como cidadãos críticos que exigem mudanças políticas incisivas nas questões sociais.

Coerentemente com essa linha de reflexão, vislumbramos, na metodologia do teatro, no ensino de História, contribuir para uma melhor aprendizagem dos alunos e, por meio das encenações, acreditamos que eles poderão observar, confrontar as diferentes culturas ao longo da história, aprofundar temas trabalhados em sala de aula, contrapondo ao ensino apenas receptor, em que o aluno acumula e memoriza informações, prática muito comum na educação tradicional.

Dessa forma, ao estudar uma determinada sociedade e elaborar uma peça, os alunos aprofundam os estudos, podem compreender hábitos da época, traços culturais marcantes, enfim, podem se sentir como sujeitos históricos ativos e críticos. Tudo isso nos faz pensar que ensinar História não é uma profissão exercida algumas horas por semana. Como afirma Albuquerque Júnior, referindo-se a Walter Benjamin:

[...] o historiador é aquele que tem a função messiânica de colher, como um jardineiro, as últimas flores da esperança que, embora murchas e já sem perfume, ainda teimam em permanecer balançando sob o vento dos tempos, ainda tremulam como bandeiras que simbolizaram, que foram o escudo e a heráldica, que marcharam à frente dos exércitos de vencidos de todos os tempos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p.3).

O historiador ou o professor de História é

[...] a carpideira que, ao mesmo tempo, chora e louva os mortos, que num gesto de carinho para com os que se foram, os veste de novo para um ato inaugural, os faz novamente vir para o centro da sala, para a frente do cortejo, os faz levantar a fronte e novamente falarem, vociferarem, imprecarem, readquirindo o direito à fala e a dirigem seu próprio enterro, a simularem o controle sobre a versão de sua própria vida, da sua própria memória (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p. 3).

Na construção desse processo de ser professor e ensinar História que passe pela experiência vivida, logo, cultural, é necessário citar também Sandra Jatahy Pesavento:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Tona-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente, a rigor o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele (2005, p.42).

Nessa perspectiva da autora, podemos entender que a História é uma construção da experiência do passado, nos mostrando a possibilidade de seu resgate, a partir de qualquer tema ou objeto do nosso cotidiano e do nosso referencial de cultura e também para as transformações menos perceptíveis. Isso porque a experiência humana não se manifesta somente nas lutas políticas e de classes sociais, mas também nos sentimentos, valores, imagens, ritos, crenças, hábitos.

Enfim, é necessário resgatar fios, tecer tramas de sentidos conferidos ao mundo. Como bem coloca Eliana Ventrini (2010, pág. 87), “A pesquisa historiográfica é sempre uma aventura. Em seu percurso, há labirintos e rastros. Rastros que encontramos, rastros que também deixamos e legamos a outras trajetórias investigativas”.

II - REFLEXÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA

De nossas inquietações, surgiram os dilemas relacionados ao modo como ensinar e aprender História com prazer e como aproximar os conteúdos históricos no cotidiano dos alunos. Assim, a arte teatral aparece-nos como metodologia para a representação dos conteúdos históricos em sala de aula e em vários outros espaços da escola. Nesse sentido, o objetivo geral desta parte do trabalho é desenvolver interpretações e reflexões sobre as práticas de uso do teatro na escola, a partir dos conceitos de consciência histórica, memória, experiência docente e a possibilidade do uso do teatro como prática educativa, de forma a refletir sobre nossas opções e soluções em como ensinar e aprender história. Consideramos que o nosso papel como professor é também despertar o interesse e a análise crítica do ensino de História, construindo novos caminhos de comunicação com os estudantes. Nessa perspectiva, Vasconcelos (2011, p. 03) afirma que:

A arte, como um universo de expressões e transgressões, demonstra ao longo dos séculos, que é possível transformar a vida humana a partir de uma mudança pessoal. A experiência estética favorece ao indivíduo o reconhecimento das diferenças, das semelhanças, dos contrastes e conflitos, possibilita múltiplas leituras, diferentes interpretações e dessa forma, vai nos permitindo assumir uma atitude criativa diante da vida. A arte sempre propõe a (re)significação da realidade.

O teatro pode ser tomado como uma maneira de elaboração de ensino e aprendizagem e, por isso mesmo, pode ser levado à escola, fazendo o intercâmbio entre uma forma institucionalizada de ensino e uma prática social que também implica em possibilidades educativas. Nesse aspecto, o ato de encenar os processos históricos através do teatro auxilia o aluno a aprender com criatividade e curiosidade. Essa é uma das premissas de nossa pesquisa.

É importante ressaltar que a escola é um espaço de conhecimento, que coexiste com outros lugares e modelos que oferecem espaços para aprendizagem. Segundo Guimarães (2012, p. 63):

[...] o professor não está sozinho diante dos saberes. Ele se relaciona com alunos que trazem consigo saberes, valores, ideias e atitudes. A consciência histórica do aluno começa a ser formada antes do processo de escolarização e se prolonga no decorrer da vida, fora da escola, em diferentes espaços educativos, por diferentes meios.

Se, por causa dos novos recursos como *internet*, vídeos, *tablets*, televisão, o papel do professor como detentor do conhecimento, de fato, parece ter diminuído, a sua função como indivíduo de referência nos processos educativos se ampliou. Os jovens já aprenderam muitas coisas antes de entrar na escola, mas o que o professor ensina, pelo exemplo humano e pela reflexão sobre o conhecimento e seu significado para os indivíduos e os grupos sociais, nenhum desses meios de comunicação poderá substituir.

O diálogo entre alunos e professores é uma necessidade básica de todo ensino de História e do exercício do pensamento crítico. Por isso, é importante que os professores se vejam e se sintam como sujeitos produtores de conhecimento, e não repetidores ou reprodutores. Em vista disso, o ensino de História não pode ser desvinculado da pesquisa. “A teoria da História é, pois, aquela reflexão mediante a qual o pensamento histórico se constitui como especialidade científica” (RÜSEN, 2010, p.26). Como todo pensamento histórico inclui elementos teóricos, é necessária uma reflexão sobre a História como uma atividade intelectual.

Logo, é relevante analisar e entender as diversas teorias que envolvem o conhecimento histórico e salientar o caráter científico do trabalho do historiador, que, ao dar sentido à experiência do passado, tornando-o presente, segue regras e métodos da ciência, pois “A razão científica ingressa no significado de uma História na qual a experiência do passado possui sentido para o presente” (RÜSEN, 2010, p.76). Ao narrar uma História, a historiografia recebe o selo da cientificidade nos conteúdos apresentados.

De outra maneira, ficando meramente formal-abstrata, permaneceria fora do que interessa aqui, que é a orientação histórica da vida humana prática”. Ela precisa inserir-se nos conteúdos da experiência histórica, refletir-se neles ou transparecer neles, de modo a tornar-se efetivamente parte integrante da História narrada (RÜSEN, 2010, p. 76).

Essa afirmação do autor permite dizer que a prática da História não deve ser desvinculada da pesquisa e do próprio conhecimento, porque, ao intensificar sua função didática, a pesquisa orienta os resultados cognitivos da ciência da História para os processos de aprendizagem da formação histórica. Dessa forma, a função orientadora que o conhecimento histórico possui, origina-se das carências de orientação da vida prática. Podemos dizer que, para o aprendizado histórico dos adolescentes, é necessário que os métodos estejam conectados com a comunicação, e é nessa comunicação, acreditamos, que se forma a consciência histórica.

Nesse contexto, a reflexão aqui colocada, inspirada na teoria de Rüsen (2010) pode ser explicada da seguinte forma:

O trabalho de reflexão realizado pela teoria da História no âmbito da historiografia busca, pois, preservar o progresso do conhecimento, obtido na pesquisa, nas formas empregadas pela historiografia para transmitir os resultados dessa mesma pesquisa (RÜSEN, 2010, p. 47).

Para o autor, a pesquisa precisa também ser pensada no seu processo de produzir e socializar o conhecimento. Ainda segundo Rüsen (2010, p. 47), “Os resultados da pesquisa, na historiografia, não devem cristalizar-se em uma imagem definitiva dos tempos passados, pois perderiam o traço característico da racionalidade que os produziu”. Observamos que a teoria da História não tem uma concepção única de analisar o passado.

Percebemos que a pesquisa não acontece meramente para a formação e qualificação da prática docente, mas também decorre de uma postura política de emancipação e transformação social em todos os níveis de ensino. A pesquisa histórica é estratégica para a formação crítica dos sujeitos, tendo como objetivo trabalhar interesses cognitivos e científicos, através da pesquisa e, em nosso caso, a partir de uma pesquisa que tem como um de seus objetivos a elaboração de uma proposta de ensino para aplicação prática na sala de aula.

A pesquisa é um processo cognitivo governado por regras que são os métodos, porque os historiadores sempre querem saber mais sobre alguma coisa. Dessa forma, como afirmam historiadores das mais diferentes perspectivas teóricas, a História é um conhecimento em construção: é parcial, é provisória e não estabelece verdades definitivas.

De acordo com Rüsen (2010), não há certeza se hoje os estudantes e professores aprendem o que é método, porque, segundo ele, os livros não apresentam corretamente o método histórico; o primeiro passo metodológico de pesquisa é uma pergunta e o último, uma resposta. Temos uma tradição metodológica em nossa ciência, que é a solene garantia do conhecimento produzido pelo historiador profissional com sua competência para a pesquisa histórica. Para as nossas pretensões de verdade, o que nós apresentamos como o passado interpretado é superior a todas as outras formas de conhecimento do passado, ou seja, a criação do sentido histórico, mas esse também está no conjunto da percepção de uma flexibilidade do conhecimento produzido hoje, já que amanhã novas interpretações e afirmações serão possíveis com novas pesquisas.

O texto de Rüsen (2010), intitulado “Tarefa e função de uma teoria da História”, tem como objetivo induzir a autorreflexão, assunto que pertence ao trabalho cotidiano de qualquer historiador e elemento vital no dia a dia da ciência, que nos ajuda a pensarmos que o processo de fazer História não se dá sem uma profunda reflexão sobre a subjetividade do historiador. Ou

seja, seu ponto de vista pessoal, de acordo com influências adquiridas ao longo da vida e suas práxis, também são pontos de partida para seu trabalho.

Para Rüsen (2010), as reflexões estão concentradas em duas questões: teoria como princípios da ciência da História e teoria que reflete sobre esses princípios, em sua relação direta com a ciência da História. Na primeira, demonstra que o olhar dos historiadores passa dos objetos a seus princípios, como eles surgem e para que são tematizados, já a função prática está presente nos diversos campos de atividade do historiador, por exemplo, a argumentação, a reflexão do pensamento histórico sobre os fundamentos do seu próprio trabalho prático. O autor destaca que a teoria vai além do trabalho prático do historiador e que ela é necessária sempre que se tratar de fundamentar, justificar ou modificar o trabalho prático, articulando-se com a autorreflexão do pensamento histórico. E isso, claro, é importante na própria reflexão do trabalho com a história em sala de aula, pois também aquele profissional que está diretamente envolvido com o ensino, em sua formação, experimentou a pesquisa, ou seja, está habilitado a relacionar pesquisa e ensino.

A competência científica especializada constitui-se quando os diversos campos do passado humano são investigados e os processos históricos expostos, mas sempre em campos particulares da pesquisa e da historiografia. Deve-se relacionar cada ponto examinado em princípio a um todo abrangente. Sendo assim, o historiador deve ter competência especializada e a noção do todo, tal como postula Rüsen (2010). Dessa forma, o passado é compreendido, tornando-se apto para ajudar a explicar e refletir sobre o presente e construir uma possível expectativa de futuro. Essa relação entre passado, presente e futuro é essencial para se conceber a consciência histórica, que é, sem dúvida, muito complexa.

E essa perspectiva de se relacionar com o passado em sala de aula, muitas vezes, impõe refletir também sobre a memória, aquela memória social que organiza a vida e a cultura.

Para Jacques Le Goff, o acesso ao passado, a memória e a História são realmente uma invenção da era moderna, mas também, no século XX, tornaram-se questões de cidadania, de direitos e deveres junto ao estado democrático constituído. Portanto, mais do que pesquisar há que se fortalecer os mecanismos de guarda, registro e disponibilização das informações do passado, para que a História seja tão plural quanto as múltiplas produções de memória no calor dos acontecimentos (ARANTES, 2011, p. 23-30).

Podemos observar que as lembranças como reconstrução do passado são provocadas e estimuladas pelo presente. Arantes (2011), tomando como referência Jacques Le Goff, destaca que a memória é a propriedade de manter determinadas informações, e estas se referem a um

conjunto de funções psíquicas que possibilitam ao indivíduo atualizar informações passadas. Na sua feliz interpretação, o autor afirma que o estudo da memória passa da psicologia à neurofisiologia e chega à História através da sua condição de memória social, um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História, mas, principalmente, uma das possibilidades de se interpretar o passado, fazendo-o significativo para alunos e, mesmo, para os professores de História.

Para Halbwachs,

As leis naturais não estão nas coisas, mas no pensamento coletivo, enquanto este os examina e à sua maneira explica suas relações (A partir daí compreendemos melhor que a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas). Em outras palavras, existe uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior. (2006, p. 61).

Por outro lado, essas memórias afloram em momentos de crise e a memória entra em disputa. Assim, os objetos de pesquisa são escolhidos, muitas vezes, onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes e, nesse seguimento, o ensino pode também se apropriar dessas circunstâncias, para dar sentido ao ensinar e aprender história.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes (divergentes) nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p.3).

E isso, impõe pensar a relação sempre complexa entre a História vivida e a História que implica no conhecimento aprendido e ensinado, pois nem sempre elas coincidem. Pollak (1989) cita o exemplo dos sobreviventes dos campos de concentração. Muitos da comunidade judia mantiveram o silêncio sobre o passado para não provocar o sentimento de culpa que as próprias vítimas podem ter ocultado de si mesmas, um processo que somente a pesquisa pode perceber, pois o conhecimento comum sobre a II Guerra Mundial, especialmente aquele dos manuais didáticos, não dão conta de perceber e problematizar.

É sabido que a administração nazista conseguiu impor à comunidade judia uma parte importante da gestão administrativa de sua política antisemita, como a preparação das listas dos futuros deportados ou até mesmo a gestão de

certos locais de trânsito ou a organização do abastecimento nos comboios. Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem elas também guardar silêncio (POLLAK, 1989, p.4).

E, do ponto de vista do ensino, buscar essas vozes da memória social, ajudam aos estudantes a se pensarem e se sentirem também parte da memória coletiva e sujeitos da História que aprendem na escola. Esse autor nos ajuda a problematizar o que se conta e o que se oculta na história, pois considera que o silêncio tem razões bastante complexas. “Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p.4). Os deportados encontraram essa escuta, mas, na reconstrução do pós-guerra, consumiu a vontade de ouvir a mensagem culpabilizante dos horrores dos campos. Em 1945, organiza-se o esquecimento da deportação, os deportados chegam quando as ideologias já estão colocadas, quando a batalha pela memória já começou.

A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais. Quarenta anos depois convergem razões políticas e familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento (POLLAK, 1989, p.4).

Enfim, a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. No texto intitulado “O Esquecimento”, Ricoeur (2007) inicia sua narrativa com uma vasta erudição, vasculhando a problemática do esquecimento em pé de igualdade com a memória e a História. O autor trata o esquecimento como par da memória, portanto, como parte de uma fenomenologia que busca entender e explicar a ambos. Trata também da epistemologia da História, visando ao estudo científico, explicando os problemas relacionados com a crença e o conhecimento do passado, sua natureza e limitações.

Ricoeur (2007) aponta também a distinção entre a abordagem cognitiva e pragmática, sobre a primeira, a memória tem a ambição de representar fielmente o passado, a segunda refere-se ao lado operatório da memória, seu exercício de uma memória feliz, mas também de usos e abusos de repertório, reunir vários exemplos de textos, leis, documentos para conseguir uma compreensão com maior profundidade. Isso importa na reflexão que fazemos porque nos ajuda a pensar na representação teatral como uma ampliação do repertório do que os alunos sabem sobre determinado tema. O exercício de pesquisarem para o teatro, para montarem as

peças, estudarem os textos, também se torna um exercício de memória, pois os coloca diante da questão: quem é o personagem que vou representar? Que mundo era aquele no qual essa pessoa vivia? O que eu sei dessa pessoa. Notamos que, aqui, é possível, como diz Ricoeur (2007), lidar com os rastros do passado que nos ajudam a reconfigurá-lo.

O esquecimento desperta a própria dúvida sobre o passado, como a falta de confiabilidade da memória; o esquecimento é o desafio oposto à ambição de confiabilidade da memória. Nesse caso, existe a dialética de presença e de ausência da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio à lembrança, pois nem sempre é possível trazer ao presente, com profundidade, a lembrança passada. E, no ensino de História, isso se mostra um problema, pois há também uma gestão do esquecimento, à medida que se escolhe o que trazer do passado para a sala de aula e o que não trazer, ainda que se saiba que o passado em toda sua completude é irrecuperável.

Para Ricoeur (2007), a historicidade é muito importante, porque, para o filósofo, é difícil pensar a História sem pensar em suas dimensões como construção do conhecimento; não é necessário dizer ao filósofo que a História é construída, como é necessário explicar a outros profissionais de outras ciências. Para o filósofo, é evidente que a consciência e a memória são partes de uma construção que dá identidade ao ser humano, e, como tais, são negociáveis ao longo do tempo e no momento em que se fixam como conhecimento.

Memória é uma maneira de tentar manter vivo um evento. A memória se fixa de acordo com o emocional; a memória resgata, conserva, estimula e alimenta amores e ódios, vinganças, mas também é um dos combustíveis da História. É nessa tensão da memória dos eventos, da consciência dessa memória e da seletividade que se dá nesse tipo de fonte, que Ricoeur (2007) trabalha também com o conceito de esquecimento. O que escolhemos esquecer? Esquecimento é sinônimo de perdão? Quando contamos algo, como selecionamos as memórias? Quais validamos? Quais invalidamos? A quem perdoamos na hora da narrativa histórica? Como escolhemos os vilões? Como escolhemos os lados? Esses são temas filosóficos importantes para a filosofia da História, mas também para a filosofia em si, para se pensar como é que o ser humano constrói sua experiência nesse mundo e como nós trabalhamos nos diferentes níveis de consciência.

Nessa perspectiva, a relação entre memória e História, nos permite refletir sobre o trabalho dos professores em sala de aula. Sabemos, ou deveríamos saber, que o aluno deve sair do ensino fundamental com um modelo cognitivo altíssimo, e a História, a Geografia, Línguas, a Arte e demais disciplinas são fundamentais para o conhecimento do mundo. Podemos dizer

que uma pessoa com alto desenvolvimento cognitivo é a pessoa que tem poder na sociedade contemporânea. Para isso, o aluno não pode ser repetidor do que o professor ensina. Acreditamos que a ele deve ser permitido a reflexão, a problematização do que aprende, já que isso será fundamental para sua vida presente e futura.

Na reflexão de Paulo Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, por isso, o professor e a escola devem dialogar com os alunos sobre suas experiências de vida, relacionando com os conteúdos curriculares, discutir problemas relacionados à escola pública, à cidadania, ao preconceito, à questão de gênero, à exploração do sistema capitalista, às classes consideradas de baixa renda, violência, ao papel dos jovens na sociedade. Defendemos que se faz importante, na aprendizagem, estabelecer relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto nos programas curriculares, interferindo didaticamente e valorizando a nossa maneira de estar no mundo, para que os alunos se sintam como seres históricos que têm a capacidade de interferir no mundo e na realidade vivida.

Com esse propósito, a encenação no teatro é muito positiva, porque faz parte de nosso jeito de ser e estar no mundo. Às vezes, o professor fica focado apenas na forma tradicional de ensino, desconsiderando outras maneiras de ensinar, como a que, aqui, defendemos, o próprio teatro. Por meio do teatro, as aulas de História tornam-se mais dinâmicas e até mais divertidas, despertando mais interesse e mais adesão dos alunos às problemáticas e discussões sobre o passado e presente. O teatro pode melhorar o convívio entre os alunos e professores, trabalhando a criatividade de ambos e descentralizando o saber do professor, como exposto na parte anterior.

Nesse sentido, podemos destacar a importância dos jogos teatrais com exercícios de sensibilização motora e sensorial. Através dos quais, o participante é instigado a olhar sobre diferentes realidades. Sua linguagem ajuda no aprendizado sobre nós mesmos, nas nossas relações com o cotidiano, com a História do país, e desperta as capacidades criadoras dos alunos, de modo que estes se sintam cativados para a prática teatral, representando os conteúdos históricos em sala de aula ou em outros espaços.

De acordo com Barbosa (2004 p. 158),

O trabalho do jogo em teatro é construído basicamente a partir de brincadeiras infantis, com uma forte exigência quanto a seus limites e regras, apesar do clima de alegria e descontração que provoca nas aulas. Cumplicidade, generosidade, amizade e prazer são a essência deste estado

O jogo ajuda na integração e percepção do grupo, atenção e concentração,

experimentos de habilidades a partir da brincadeira, imitação de animais, dança, canto e muitos outros. O termo teatro deriva do grego *theatrón*, que significa “lugar para contemplar”. O teatro é um dos ramos da arte cénica relacionado com a atuação/interpretação, através do qual são representadas histórias na presença de um público. Essa forma de arte combina discurso, gestos, sons, música, corporeidade e cenografia. Durante o processo deste trabalho, compreendemos que o teatro na escola deve priorizar o trabalho coletivo, o que nem sempre ocorre de forma harmônica, mas também através de conflitos, de acordos em grupos, de becos sem saídas, de retomadas, de reinícios, de buscas de caminhos. É importante que o aluno viva o teatro no seu processo de formação.

Como já mencionamos, a construção do grupo é realizada no coletivo. Na pedagogia do teatro, é necessário revolucionar os conceitos do teatro tradicional. Na escola, é importante a busca de outros espaços no fazer teatral, construir um espaço que revele a autonomia daquele grupo, que não necessariamente tem que imitar o modelo antigo de encenação do teatro dramático.

De acordo com Koudela et al. (2005, p.147), “A renovação da linguagem do teatro do espetáculo não é dissociada do vasto campo chamado teatro amador que engloba o teatro na escola e o grupo comunitário”. Pesquisas recentes apontam a não separação específica do teatro espetáculo e a didática do teatro na escola de formação básica, pois ambos se relacionam entre si e tentam não dissociar a transmissão de conhecimentos artísticos e do processo de ensino-aprendizagem. A peça didática na escola não tem preocupação com a estruturação do teatro espetáculo e nem com a apresentação para uma plateia específica no final do ano, embora ela possa ser utilizada e no conjunto se possa identificar uma estética própria construída. O importante dessa didática é o processo de aprendizagem na montagem do texto teatral, no cenário, figurino, coreografias no decorrer do trabalho com diferentes temáticas do currículo de História, no sentido de compartilhar todo o processo vivido pelos alunos e professores envolvidos. É importante ressaltar que as práticas pedagógicas não devem se restringir à aplicação de técnicas desvinculadas de uma justificativa teórica

Koudela et al. (2005, p.146) afirmam que:

Não somente na esfera do teatro, como em qualquer área do conhecimento, os pressupostos epistemológicos de uma metodologia do ensino necessitam proporcionar o conhecimento da estrutura teórico-prática dos procedimentos que levam à aprendizagem, ensejando a incorporação do polo instrucional ao polo sócio-cultural. Nessa trajetória, o que se convencionou denominar de metodologia do ensino adquire um valor relativo que se configura enquanto procedimento de enlace entre educador e educando, em meio a condições objetivas (matéria, situação escolar, ambiente etc.) e subjetivas (pessoas,

comunidades etc.).

É importante ressaltar que os professores de História têm um papel fundamental na formação da consciência histórica dos alunos por meio da ampliação da relação ensino-aprendizagem, bem como da incorporação de diferentes linguagens no processo educativo. Por isso, é muito importante indagar sempre como viabilizar e potencializar aulas com mais alegria, e isso depende do nível de motivação pessoal do professor para despertar o interesse e o desejo de nossos alunos pela busca do conhecimento.

As experiências que vivemos ao longo de nossa carreira docente, dando aula, fazendo experimentos de teatro, gravando vídeos, nos permite dizer que o professor mergulha no seu tema e propicia que seus alunos revivam aquele momento da História, o que nos permite também dizer que se entende mais do assunto, de como ocorreu aquele fato, ao mesmo tempo em que produzimos processos outros de percepção de si mesmo como a autorreflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, esse é, por certo, um assunto que pertence ao trabalho cotidiano de qualquer historiador e professor de História. Basta olhar para a própria práxis, para o que apresentamos na primeira parte deste trabalho, para se ver onde e como se pode alçar acima dela, tomando-a como base, refletir sobre ela, lidar com ela para constatar que a autorreflexão é, com efeito, um elemento vital no dia a dia da ciência (RÜSEN, 2010, p.26).

E a relação entre passado, presente e futuro é essencial para se conceber a consciência histórica, assim o tempo experimentado faz sentido. De acordo com Rüsen (2010), o ensino de História nas escolas exige dos professores uma competência que, muitas vezes, não coincide com sua especialização em História. Todo professor, para que seja bem-sucedido em seu trabalho, deveria, a nosso ver, conciliar pelo menos duas vocações em suas práxis: a especialização que adquire e a de ensinar. A didática da História é uma questão central para que crianças e jovens aprendam História. Cada método pedagógico tem uma resposta diferente a essa questão. O aprendizado de História não ocorre apenas no ensino, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel relevante, mesmo porque a História pode ser aprendida dos mais diversos modos e com os mais diversos conteúdos. Fundir a didática com a teoria da História é fundamental, porque ambas estão intimamente interligadas.

Como o pensamento histórico pode realizar essa sua intenção na vida prática, e por força de sua constituição científica, é a questão central da “didática” como parte sistemática integrante da teoria da História. O termo “didática” indica que a função prática do conhecimento histórico produz efeitos nos processos de aprendizado (RÜSEN, 2010, p.87).

O aprendizado histórico corresponde ao aumento da experiência no quadro de orientação da vida prática. Para isso, é necessário que a consciência se abra a novas experiências e a novos saberes com os objetivos de problematizar e modificar os modelos habituais de interpretação. É isso exatamente que o teatro parece ter provocado nos alunos: a consciência de que têm História, de que o homem, o país, eles mesmos têm uma História, e esta, seja como for contada, coloca-os no mundo.

Acreditamos que uma aula deve ser dotada de sentido, significado e aprendizado que seduza, que instigue, que provoque reflexão, enfim, que dialogue com o aluno e com seu mundo, e com seu processo de relacionar passado e presente, tanto pelo que é a disciplina História em sua vida, quanto pelo que elabora como memória de si e do grupo no qual se encontra.

Conforme ensina Ricoeur (2007), a História da memória é a primeira relação com o passado, sem a memória jamais saberíamos que ela ocorreu. A memória é do passado, mas pode ser atualizada via representação teatral, como construção de sentido. O autor afirma também que a estrutura que assegura a transição da memória à História é o testemunho de alguém que diz: ‘Isso se passou assim’. A memória coletiva coloca-se sob a mesma lei de testemunho que a memória individual.

Assim, o ensino de História e da memória, na construção da identidade, possibilita situar o aluno no momento histórico em que vive. O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, contribui para situá-lo historicamente em sua formação intelectual e social, e, por isso, a memória é a base da identidade. É pela memória que se chega à História do país, da comunidade local, da família, do mundo.

Apesar de o Currículo Escolar ser extenso, é preciso abrir espaço a novas possibilidades pedagógicas e, dentro do que defendemos, neste trabalho, o teatro é um dos caminhos possíveis para dar um tempero a mais nas aulas de História, mesmo porque as representações sociais por meio do teatro possibilitam uma aprendizagem significativa para o estudante.

O que percebemos, a partir de nossa experiência, é que o teatro na educação é um espaço a ser conquistado. Embora existam educadores que acreditam na força que o teatro tem

para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, ainda há um grande número de escolas que não dão o devido valor ao exercício teatral no processo educativo e na produção de sentidos e significados. Com o teatro, o saber pode ser compartilhado e absorvido com sabor, na prática do dia a dia. Afinal, a História é feita de cores, de paixões e de odores, sensações que, sem dúvida, não podem ser captadas unicamente pelas faculdades mentais, mas, também, por gestos, atitudes e corporeidade.

A intenção do conhecimento histórico não é explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral. Seu objetivo é antes compreender um fenômeno histórico em sua singularidade e unicidade. O que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem em geral, mas, ao contrário, como esse homem, esse povo, esse Estado veio a ser o que é; como todas essas coisas puderam acontecer e encontrarem-se aí.

Ao utilizar o teatro no ensino de História, vislumbramos contribuir para uma melhor aprendizagem dos alunos e, por meio das encenações, eles poderão observar, confrontar as diferentes culturas ao longo da história, aprofundar temas trabalhados em sala de aula, contrapondo ao ensino apenas receptor, em que o aluno acumula e memoriza informações - prática muito comum na educação tradicional.

III - PROPOSTA METODOLÓGICA -“HISTÓRIA DE VIDA NA EXPERIÊNCIA TEXTO/CENA”

A partir do que foi problematizado antes, e pensando em como fazer deste trabalho um instrumento de reflexão sobre metodologias para o ensino em sala de aula, mas também um instrumento de ação, ou seja, propositivo, foi que elaboramos uma proposta de ação didática que envolve o ensino de História e o teatro e poderá ser utilizada por diferentes docentes para experimentação do teatro como metodologia de ensino em sua realidade escolar.

O primeiro ponto de partida para construção desse projeto foi pensar a relação da proposta com o conteúdo que se quer trabalhar. Nesse projeto, analisamos os currículos formais, aplicados às escolas em Minas Gerais, e vimos que trazem importantes questões históricas e geográficas da contemporaneidade, relacionando com o passado entre a história cotidiana e local e a história nacional e mundial, para isso o professor deve considerar as realidades específicas dos seus alunos e da comunidade onde vivem. Na reflexão do Circe Bitencourt, “A escolha de conteúdos apresenta-se como tarefa complexa, permeada de contradições tanto por parte dos elaboradores das propostas curriculares quanto pela atuação dos professores, desejosos de mudança e ao mesmo tempo resistentes a esse processo”. (BITENCOURT, 2011, p. 138)

Nesse aspecto, o trabalho escolar se torna difícil, mas pode ser muito envolvente quando o professor mediador tem a preocupação de ensinar dialogando entre as questões do presente e passado, ou seja, questionando as relações históricas do cotidiano. Para isso, torna-se importante formalizar pesquisas com diferentes linguagens como, por exemplo, fontes escritas, orais, cartográficas, imagens, análises com músicas, entre outras formas de expressão artísticas, tendo como referência a proposta do presente questionando o passado, visando à reflexão sobre identidade de culturas diversas.

Inferimos, assim, que os conteúdos podem ser ampliados e ir além dos conceitos, visualizando os procedimentos que possibilitam aos alunos a refletirem a partir dos seus próprios saberes e emitir opiniões sobre história, política, religião, cultura, economia, sociedade em que vivem ou sociedade que desconhecem os valores do passado, tendo sempre o objetivo de entender o presente e pensar em mudanças e transformações que visam a benefícios à comunidade em que vivem e, conseqüentemente, aprendendo a respeitar o outro com suas diferenças para uma convivência democrática no grupo e na sociedade.

Pensar criticamente o ensino de história e os conteúdos escolares, não é uma tarefa fácil, exige intensa reflexão pelos professores e essa reflexão exige conhecimento do saber disciplinar permeado de contradições. Bittencourt nos chama atenção para isso:

A opção da seleção pelos conteúdos significativos decorre de certo consenso sobre a impossibilidade de “ensinar toda a história da humanidade” e a necessidade de atender os interesses das novas gerações, além de estar atento às condições de ensino. Estas condições são múltiplas e interferem nos critérios de seleção dos conteúdos, sendo preciso considerar desde a precariedade da rede pública escolar até o excesso de materiais didáticos e de informações disponíveis por intermédio dos diversos meios de comunicação, além de organizar os conteúdos dentro dos limites “do tempo pedagógico” destinado à disciplina pela grade curricular (BITTENCOURT, 2011, p. 138).

Diante dessa realidade escolar, nos deparamos, muitas vezes, com o pouco interesse dos estudantes pelos conteúdos formais da disciplina História. Para contrapor a essa dificuldade, pode ser necessário um esforço dos professores sensíveis às questões contemporâneas para trabalhar temas relevantes do contexto social atual, enfatizando os estudos do presente e tendo como foco a formação de cidadãos que possam pensar e ter atitudes para combater preconceitos, discriminação, racismo, questões de gênero, dentre outros que permeiam o seu cotidiano.

A necessidade prática para uma aprendizagem efetiva e coerente deve partir de concepções de história e tendências historiográficas muito claras para assegurar relações com a produção escolar, que afetam a formação dos jovens de hoje. Nesse contexto, é muito significativo fazer mudanças metodológicas, levando em consideração os meios de comunicação como *internet*, redes sociais, jogos lúdicos, mas não prescindir da perspectiva dos estudos históricos nas suas especificidades e, com isso, é possível fazer e ampliar recortes nos conteúdos de História e pensar os planejamentos de aula com questões problemas que estimulem os alunos a entender o movimento das relações sociais que os cercam.

1 – O contexto de discussão curricular na realidade das escolas municipais de Uberlândia

Ao apresentar qualquer projeto a respeito de novas práticas metodológicas, necessário se faz contextualizar o local e o debate curricular que ali se dá. Aqui destacamos, em especial, a utilização dessa proposta por professores da Rede Municipal de Ensino da cidade de

Uberlândia.

Em Uberlândia, nos anos de 2001 e 2003, foi desencadeado um processo de discussão entre os professores da rede Municipal, comprometidos e preocupados em romper com currículos tradicionais de História. Vários encontros foram realizados com os professores de história da RME, (rede municipal de ensino) no CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais), com a assessoria da Prof^a Aléxia de Pádua Franco, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - Eseba UFU, para institucionalizar, em forma de documento, novas perspectivas de ensinar História.

Dando continuidade ao trabalho, foram elaboradas, em 2009 e 2010, as Diretrizes Básicas do Ensino de História 1º ao 9º ano, com a assessoria da professora Mara Regina do Nascimento, da Universidade Federal de Uberlândia.

Este documento é produto do seu tempo e fruto de debates com os professores da rede nos encontros mensais de formação continuada no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (CEMEPE).

Nessa etapa discutiu-se a necessidade de reformulação curricular para contemplar um conjunto de leis, tais como a lei 10.639 e 11.645, que tornaram obrigatórios o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos de história e outras disciplinas, com o objetivo de romper com a ideia de um Brasil homogêneo, ou de um Brasil portador da chamada democracia racial. Dessa ideia, nossa proposta se adequa a essa perspectiva de forma a ajudar a outros professores problematizarem seus programas de aulas, tomando o teatro como uma possibilidade didática. Isso porque entendemos que, na escolha de uma construção de um currículo, é importante problematizar o presente a partir dos conteúdos estudados, em sala de aula, enfatizando as condutas cotidianas no tempo e no espaço. Defendemos que o tempo presente, esse tempo que coloca tantos desafios a professores e estudantes em suas vidas escolares, mas também em suas existências individuais, pode ser analisado a partir dos diferentes modos de vida anteriores, que fazem parte do rol de conhecimentos de História que a escola deve tratar, proporcionando expressões singulares de temporalidades históricas.

Diante de tais problemáticas, professores têm a responsabilidade de pensar e refletir sobre várias metodologias para enriquecer os diferentes conteúdos estudados, seja em história ou em outras disciplinas. Como já foi apontado, a organização curricular mais recente oferece algumas possibilidades para uma reflexão sobre o trabalho interdisciplinar, dialogando com os colegas de outras disciplinas e fazendo os recortes de conteúdos de acordo com temas

comuns, sistematizando, organizando e compartilhando com os alunos a visão do conjunto do objeto do conhecimento.

2 – A elaboração do projeto.

A – Ao elaborar uma proposta metodológica, o caminho mais pertinente é **estruturar um projeto** a partir de um tema previamente discutido com a equipe interdisciplinar que fará parte deste.

Modelo:

Para melhor situar esta proposta, simularemos aqui os passos metodológicos desde a escolha de um tema aleatório. Nesse caso optamos por desenvolver um projeto que tivesse como conteúdo o MOVIMENTO REPUBLICANO NO BRASIL, pois é um tema que acreditamos, permite ao docente trazer à tona o cotidiano das famílias, a cultura e suas memórias, valores que articulam o passado e presente. Dessa forma, torna-se relevante conectar os métodos atuais de ensino com as novas tecnologias, identificando com as novas gerações, que têm uma convivência constante com a cultura das mídias.

Essas transformações têm afetado, de forma incisiva, na produção do conhecimento, e introduzindo novos referenciais e, obviamente, tal constatação leva os docentes a acelerarem, refletirem e interferirem nas propostas de mudanças de métodos de ensino.

B – Após a delimitação geral do conteúdo, sugerimos especificar e delimitar a temática.

Modelo:

Conforme modelo, apresentamos a proposição: “História de vida – Conhecimento Educação e Arte/Teatro: Valores Humanos e o papel do jovem na sociedade brasileira”. (Essa é a grande proposta com desdobramento em quais áreas do conhecimento? Cada uma vai desenvolver uma parte?). Como essa proposta, como também todas as outras, neste trabalho, focamos na interdisciplinaridade, não como as especificidades de cada disciplina, ou seja, a manutenção de uma visão disciplinar sobre um tema abrangente no sentido fragmentado, mas tentamos romper essa visão de uma forma pensada e discutida entre os professores envolvidos, tentando não desenvolver um trabalho isolado, como acontece quando os temas propostos não são devidamente contextualizados e, nesse caso, os professores não aproximam a realidade do saber histórico com a realidade do aluno.

As disciplinas envolvidas devem procurar abordar o projeto como um todo para não inviabilizar a participação e a curiosidade dos estudantes, ou seja, não menosprezar, em nome

do discurso tradicional, os valores que norteiam a formação e entendimento de como os alunos enxergam o mundo.

C – Na montagem do projeto, será necessário apresentar uma **Justificativa** que trate das motivações que podem relacionar a experiências anteriores com o conteúdo ou com a prática pedagógica.

Modelo

No projeto “Adolescência, Memória, História e Teatro”. Esse projeto também está focado nos mesmos objetivos dos outros já analisados neste trabalho. Os professores sempre almejando mudar a prática escolar no ensino de História, no intuito de provocar em nossos alunos um olhar investigativo de suas experiências vividas, relacionando com o conteúdo estudado.

Elaboramos um projeto que valoriza também o aluno como ser pensante e carregado de histórias de vida, e que podem contar de diversas formas, aliando com os conteúdos curriculares estudados em sala de aula, mas com outras metodologias como, por exemplo, o fazer teatral, pontuando uma reflexão sobre o passado de seus familiares na sua adolescência com os filhos na sociedade atual.

No desenvolvimento desse projeto, pretendemos mostrar o papel do jovem na sociedade de meados do século XX e início do século XXI, trazendo à tona a discussão da história narrativa a partir do autoconhecimento e da história de vida dos alunos, incluindo pais, avós e bisavós, com a orientação das professoras de História, Geografia e Artes.

Inicialmente é necessário fazer uma reflexão sobre o papel do jovem na sociedade atual, com um diagnóstico para captar a percepção que os alunos tinham de si mesmos e de suas vidas. A atividade proposta pode possibilitar constatar que muitos alunos não se conhecem bem ou têm dificuldade em falar ou escrever sobre si.

Posteriormente, propõe-se a construção da história de vidas deles, dos pais, avós e também bisavós, por meio da elaboração de textos narrativos. O objetivo é que o aluno se conheça melhor, assim como o seu modo de vida e também a realidade política, socioeconômica e cultural do período em que vivem.

Por outro lado, a elaboração das narrativas pode permitir o conhecimento de fatos e aspectos relativos à época em que seus pais, avós e bisavós eram jovens, percebendo as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, ou seja, o papel do jovem na sociedade no decorrer das décadas.

O professor que irá trabalhar com essa proposta poderá perceber que há uma

dificuldade dos alunos em relacionar passado/presente e, por isso, é importante oportunizar que ele compreenda que o presente não está desligado do passado, pelo contrário, ambos se interpenetram. A partir do conhecimento do passado dos pais e avós, na adolescência, os alunos terão a oportunidade de refletir que todos nós somos sujeitos da história e as experiências passadas e presentes propiciam caminhos para a descoberta de si mesmo e também do outro. Nesse contexto, reconhecemos a importância de compartilharmos e envolvermos com outras disciplinas na produção e socialização de saberes.

Consideramos que a sala de aula não é um espaço apenas de transmissão de conteúdos já programados nos currículos formais, e que a história presente dialoga com o passado. Esse movimento passado-presente permite ao aluno refletir seus valores e saberes, de forma crítica. Os conhecimentos acumulados e a história de vida de seus familiares permitem comparar e diferenciar a história atual e passada, principalmente, considerando a contribuição dos jovens para a vida política, social, econômica e cultural do país. Compreendemos que mesmo os currículos formais trazem importantes questões históricas, geográficas e artísticas da contemporaneidade, relacionando o passado com a história cotidiana e local e também com a história nacional e mundial. Assim, o professor deve considerar as realidades específicas dos seus alunos e da comunidade onde vivem.

D – Parte importante do projeto são os **Objetivos** nos quais se apresenta o resultado que se quer atingir.

Modelo:

O principal objetivo do projeto proposto é permitir aos alunos se conhecerem melhor por meio da percepção de suas características físicas e emocionais, identificando o seu papel na sociedade ao longo do tempo e, posteriormente, também, conhecer a história de vida de seus pais, avós e até bisavós, no sentido de compreender e comparar as mudanças que ocorrerem ao longo do tempo, evidenciando o papel dos jovens na sociedade brasileira.

Entre os objetivos específicos, podemos destacar:

- Identificar as principais características físicas e emocionais dos alunos, mediante questionário;
- Realizar atividades como autorretrato, fotos com expressões socioemocionais,

*emojicons*³, *doodle art*⁴, para identificar as principais características físicas e emocionais dos alunos;

- Oportunizar aos alunos a produção de textos com narrativa da história oral sobre a vida dos pais, avós, bisavós e de suas próprias histórias;
- Possibilitar que os alunos conheçam suas características e habilidades emocionais e de seus colegas de sala;
- Permitir aos alunos o uso de recursos da informática, especialmente da *internet*, demonstrando conhecimento de tecnologias digitais, na era da globalização, inclusive com o uso de *Microsoft Word* na digitação dos textos, email, envio dos textos, entre outros;
- Pesquisar os acontecimentos históricos no espaço geográfico brasileiro e mundial, em diferentes períodos retratados nas narrativas como o uso de *sites* de pesquisas, livros, revistas, dentre outros;
- Interpretar e discutir com os alunos, letras de músicas que retratam diferentes períodos de nossa história;
- Permitir a participação em grupo, de jogos teatrais para trabalhar expressões dramáticas, habilidades e criatividade teatral;
- Montar roteiro de uma peça teatral a partir dos textos de narrativas dos alunos;
- Participar de uma peça teatral montada por meio dos textos narrativos das histórias de vida dos pais, avós, bisavós e dos próprios alunos, focando no papel do jovem na sociedade ao longo das décadas de 1960 até os dias atuais.

E – No projeto também é importante focar os **Conteúdos Curriculares** que serão desenvolvidos.

Modelo:

O foco do projeto é relacionar a história de vida dos alunos (presente) com a história de vida dos pais, avós e bisavós (passado), enfatizando o papel do jovem na sociedade ao longo do tempo. O professor deve discutir temas sobre a importância da história na ampliação dos conhecimentos em sala de aula e, especialmente, na formação do cidadão consciente que, no

3 Figuras das redes sociais que representam as diversas sensações e emoções de quem escreve uma mensagem

4 Esboços ou desenhos realizados ao acaso, em geral, quando uma pessoa está distraída ou ocupada, como os alunos quando se sentem entediados em sala de aula. Em português a palavra corresponde a "rabisco".

decorrer de sua formação educacional e pessoal adquire conhecimentos, mas, sobretudo, forma valores que levará para o resto de sua vida.

O professor mediador também deve abordar temas como as tecnologias atuais (num mundo globalizado), problematizando como computadores, celulares, dentre outros, interferem nas suas vidas muito mais que interferiam na vida de seus pais, avós, bisavós, no período em que eram jovens como eles.

Em decorrência do conteúdo e do tema abordado como exemplo, os professores podem apresentar alguns conteúdos formais com os alunos. Isso pode ser feito a partir dos relatos das histórias de vida. Nesse exemplo podem surgir conteúdos referentes à História do Brasil Contemporâneo, tais como: Ditadura Militar; Diretas Já; *Impeachment* de Collor e Dilma; Manifestações Culturais; Hábitos e costumes; Aspectos socioeconômicos do Brasil, na segunda metade do século XX e início do século XXI; Globalização e as mudanças nos hábitos e costumes dos jovens atuais; contextos artísticos e movimentos estéticos, entre outros.

F – Parte fundamental do projeto a **Metodologia** explicita o caminho a ser percorrido para cumprir os objetivos desejados no projeto.

Modelo:

No projeto proposto, as atividades serão articuladas de acordo com o foco da disciplina específica. Em História, como modelo, sugerimos, de início, a aplicação de um questionário “Quem sou eu? ”, com informações simples sobre o aluno, seus familiares, seus gostos, preferências, qualidades, defeitos, dentre outras. Essa etapa é considerada um processo de diagnóstico, que pode permitir a percepção de que alguns alunos não se conhecem ou têm dificuldades de falar sobre si mesmos, além de não guardarem muitas informações sobre familiares, às vezes, até dos mais próximos. Ou ainda apresentar alunos com uma consciência de si muito clara, o que também requer propor discussões que equilibrem essas possibilidades.

No segundo momento, sugere-se a integração com a disciplina de Artes, e a aplicação da técnica do autorretrato. Os alunos podem ser orientados a usar um recurso moderno de fotografia, como a *selfie*, feita em seus próprios celulares. E, a partir dela, podem criar seu autorretrato, identificando suas características físicas como cor da pele, tipo e tamanho de cabelo, cor dos olhos. O objetivo é que, assim, possam se conhecer mais e desenvolver habilidades manuais e artísticas.

No terceiro momento, solicita-se aos alunos mostrarem, por meio de fotos, as suas expressões socioemocionais (tristeza, alegria, dor, humor, susto, etc). Os alunos podem tirar

fotos e realizar montagens com recursos dos celulares ou com o programa do *PowerPoint*, montando *slides* e enviando por e-mail ao professor. As montagens podem, caso os alunos autorizem, ser mostradas para os seus colegas de sala, o que pode promover um reconhecimento individual e também coletivo.

No quarto momento, ainda integrado com a disciplina de Artes e complementando o terceiro momento, os alunos podem ser orientados a montar um *emoticon* (muito usado hoje em dia, principalmente, nas redes sociais) que transmita a sua principal emoção ou estado psicológico.

No quinto momento, com o objetivo de trabalhar valores humanos, perfeitamente integrados com o tema desse projeto, que são os princípios de cidadania a serem praticados pelos jovens em qualquer período da história, os alunos também poderão ser orientados pela professora de Artes a fazerem *Doodle Art*, ou seja, desenhos, esboços (que muitos alunos já costumam fazer em sala quando estão distraídos em uma aula) com uma palavra relacionada a valores humanos, que faz parte da vida do aluno, ocupando o espaço da folha com desenhos relacionados ao valor escolhido, ali representado.

Na sexta etapa, que consideramos como a mais importante do projeto, após uma autorreflexão sobre as suas vidas, os alunos devem ser orientados nas aulas de História e Geografia a produzirem textos narrativos sobre a sua história de vida, destacando a sua identificação pessoal, seus gostos, suas realizações, suas decepções, como veem a sociedade atual e suas expectativas para o futuro, especialmente de nosso país. Os textos podem ser manuscritos ou digitados e enviados por e-mail.

Também sobre a história de vida, podemos pedir aos alunos que entrevistem seus pais, avós e bisavós para coletarem informações sobre como era o modo de vida deles quando tinham a idade dos filhos (seus netos, bisnetos), ou seja, a dos alunos hoje. O objetivo é que os alunos conheçam como era a vida social, política, cultural e econômica dos jovens no passado e possam comparar com o seu modo de vida na atualidade.

Assim como nas produções narrativas, sobre si mesmos, os alunos podem produzir narrativas sobre a história de vida de seus pais, avós e bisavós, abrangendo períodos da segunda metade do século XX, completando com as suas próprias histórias de vida, retratando o início do século XXI. Nessa etapa o objetivo é a participação dos familiares na vida escolar de seus filhos.

Numa etapa posterior, é importante que os alunos façam pesquisas, especialmente, nas aulas de História, de aspectos da realidade brasileira do período abrangido, enfocando

questões políticas: Ditadura Militar, Diretas Já, *Impeachment* de Collor e Dilma; questões culturais como músicas e ritmos musicais, lazer, brincadeiras, de épocas passadas e atualidade; questões ambientais e regionais; questões socioeconômicas de décadas passadas e atuais. Podem ser feitas discussões nas aulas de História e Geografia, enfocando também a influência das tecnologias atuais na vida dos alunos no mundo globalizado, como o uso de celulares, entre outros.

Dentro da metodologia, há também a parte da apresentação dos resultados do processo que pode ser feita com a mostra de registros finais dos alunos em salas, portfólios, cadernos com histórias de vida e uma peça teatral para o fechamento do tema, ou seja, uma montagem e uma apresentação de um teatro/musical sobre o papel do jovem na sociedade ao longo do tempo.

É fundamental discutir a ideia com os alunos, para que demonstrem seu interesse em participar da peça. Para construção do roteiro podem ser utilizados os textos narrativos produzidos por eles. Posteriormente, serão definidos com a colaboração dos alunos a sonoplastia, as coreografias e figurinos da peça teatral.

Outra parte importante, antes de começar os ensaios da peça, é desenvolver com os alunos alguns jogos teatrais que servirão para demonstrar algumas habilidades, como a descontração, cooperação, envolvimento e aptidões, por intermédio de expressões, gestos, cantos e movimentos de imitação, entre outros. Também podem ser trabalhadas, com interpretação, as letras de músicas das coreografias e sonoplastia da peça teatral.

Os ensaios da peça, a montagem de figurinos e coreografias (com músicas das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e anos atuais), a sonoplastia, dependem da estrutura de espaço das escolas, da disponibilidade dos professores e alunos, pois muitas vezes devem ser realizados no extraturno e, por isso, sugerimos que se faça um cronograma não maior que três meses.

É importante, nesse projeto, que há participação de um grupo interdisciplinar de professores, pelo fato de envolver, além dos alunos e de suas famílias, toda comunidade escolar, funcionários, direção e professores de outras disciplinas e outros turnos. É uma proposta que irá interferir na vida de um grande grupo de pessoas, por isso precisa ser pensada dentro das possibilidades de envolvimento de cada um.

O objetivo maior do teatro na escola e na educação básica não tem como premissa formar atores, dramaturgos ou cenógrafos, mas sim oportunizar ao aluno estruturar melhor suas atitudes, adquirir comportamentos que contribuam para a expansão e afirmação de sua personalidade, crescimento intelectual e mudança de postura perante o mundo que o cerca,

tornando-se participante da construção de conhecimento pela via da coletividade, do respeito ao outro, sempre com afeto.

G – Adequação das propostas caso haja alunos com necessidades educacionais especiais – NEE

A inclusão de alunos especiais ao projeto é fundamental, já que ele busca a integração de toda a comunidade escolar. Assim sugerimos que algumas atividades sejam feitas com o acompanhamento dos pais, responsáveis escolares e dos especialistas em Educação Especial.

H – Avaliação

Como a metodologia proposta, é abrangente, é necessário que os alunos sejam avaliados em todo o processo, como no exemplo que citamos: autorretrato, fotos, desenhos, produções de textos, pesquisas e discussões, peça teatral e, ao final, respondam a questionamentos sobre a participação nas atividades como um todo.

I – Autoavaliação

O trabalho escolar pode ser muito envolvente quando o professor mediador tem a preocupação de ensinar as relações dialogando entre as questões do presente e passado, ensinando como questionar as relações históricas do cotidiano. Para isso, torna-se importante formalizar pesquisas com diferentes linguagens como, por exemplo, fontes escritas, orais, imagens, análises com músicas, tendo como referência a proposta do presente questionando o passado, visando à identidade de culturas diversas.

Nesse sentido, os conteúdos podem ser ampliados e irem além dos conceitos, visualizando os procedimentos que possibilitam aos alunos tomar atitudes em relação a si próprios, à política, à religião, à sociedade, à cultura, à economia e a valores do passado, tendo sempre o objetivo de entender o presente e pensar em mudanças e transformações que visam benefícios à comunidade em que vivem e, conseqüentemente, aprendendo a respeitar o outro com suas diferenças para uma convivência democrática no grupo e na sociedade.

Deve-se discutir as alterações passadas, pois, não é possível compreender a realidade como eterna, que leva a uma atitude passiva e conformista, o importante é entender a história como processo dinâmico. Para isso é necessário ter o conhecimento de si mesmo com o objetivo de atuar como sujeito histórico e capaz de entender que a atuação de hoje é diferente da de ontem. Assim, é pertinente entender que a história é constantemente reescrita, ou seja,

a maneira de compreender a história muda de acordo com cada sociedade e, a cada tempo, as pessoas têm os seus próprios valores culturais.

Considerando todas as dificuldades para a realização de projetos diferenciados em sala de aula, começando pela nossa formação inicial, e a falta de disponibilidade de tempo para nossa formação continuada, especialmente em cursos de pós-graduação, reconhecemos que, às vezes, há um desestímulo, e é somente com boa vontade, determinação e compromisso profissional que o professor pode vir a realizar esse tipo de trabalho na escola.

O teatro tem uma contribuição valiosa para a educação quando não é enfatizado o produto final, mas quando se tem o desejo de propiciar aos alunos a experiência de elaborarem e participarem de uma peça teatral a partir do contexto vivido, seja, suas memórias, seja a partir dos conteúdos abordados em sala de aula.

As atividades teatrais são, sem dúvida, uma ferramenta que impulsiona o sujeito, através de suas vivências, a compreender o mundo, expressar sentimentos e tornar-se cidadão crítico. Essa é uma boa razão para fazer teatro na escola, mas os professores devem ter a compreensão de que o teatro na escola é também um grande instrumento pedagógico, que potencializa a expressão vocal e corporal. E esse processo exigirá ainda o conhecimento do próprio professor sobre o que é teatro, o que é o teatro na escola, como pensar o teatro como metodologia, o que tentamos mostrar nas partes iniciais deste trabalho de conclusão de curso.

J – Descrição das possíveis aplicações metodológicas

Como proposto no projeto, a narrativa da história de vida do aluno é um componente fundamental neste processo. Então deixamos aqui algumas orientações que podem vir a ser utilizadas. Aqui, também, o leque de disciplinas pode ser ampliado envolvendo as disciplinas de Português e de Língua Estrangeira, sendo, pois, a capacidade de integração interdisciplinar também uma realidade diferente em cada escola.

L – O que deve ser levado em consideração para fazer a narrativa

- 1 – A narrativa tem que ser da vida do próprio aluno, na atual fase de vida (adolescência) ou da vida dos pais (pais ou mãe) ou dos avós (avós ou avôs) também na fase da adolescência.
- 2 – No texto e/ou vídeo tem que aparecer elementos ligados à realidade (Brasil e mundo) histórica, política, econômica, social, cultural (literatura, música, dança...), esportiva,

tecnológica e também ao modo de vida na década retratada (lazer, brincadeiras infantis e juvenis, moda, estilo de vida, namoro, amizades, casamentos...). Se forem relatados fatos que os alunos não conheçam, eles deverão fazer pesquisas na *internet*, livros, revistas para saberem relatar esses fatos com segurança.

Tendo como base a história produzida pelos alunos e, posteriormente, revivida num texto teatral, é possível interpretar e refletir, em sala de aula, o significado das ações dos personagens envolvidos, trazendo suas particularidades e deixando fluir sentimentos e emoções ao descobrir e escrever a história de sua família que, até então, muitos podem não ter conhecimento.

No primeiro momento, a ideia é criar um questionário “Quem sou eu?” Com o objetivo de entendermos as interpretações dos alunos sobre si mesmos. Após receber as fichas respondidas, podem ser elaborados gráficos para configurar as respostas e os mesmos serem, posteriormente, apresentados aos alunos e discutidos por sala.

2.1 – Modelo de questionário⁵

QUEM SOU EU?

Meu nome é:

O significado do meu nome é: _____

Tenho ____ anos. Nasci no dia ____/____/____. Nome do hospital que nasci: _____

Hora que nasci: _____ Cidade que nasci? _____

Meu signo é: _____. No horoscopo chinês eu sou: _____

Meu endereço é: _____

O nome da minha mãe é _____

O nome do meu pai é: _____

O nome de minha avó materna é: _____

O nome de meu avô materno é: _____

O nome de minha avó paterna é: _____

5 Esse questionário poderá ser adequado a outros modelos de famílias, como, por exemplo, os alunos que foram adotados, ou outras circunstâncias que o próprio aluno revele ao professor. Também será necessário que a família do aluno autorize sua participação no projeto, devendo o professor criar um TLE - Termo Livre Esclarecido, - autorizando a participação do aluno e o registro imagético (fotografias e vídeos), bem como a sua publicação.

O nome de meu avô paterno é: _____

Na minha família também tem: _____
(irmã...).

Minha altura: _____. Meu peso: _____. Cor dos olhos: _____.

Cor dos cabelos: _____.

Me declaro: _____ (branco, preto, pardo, amarelo, indígena).

O que mais gosto de fazer é: _____

O que não gosto de fazer é: _____

A minha maior qualidade é: _____

O meu maior defeito é: _____

Eu me considero uma pessoa: _____

O que mais admiro numa pessoa é: _____

O que não gosto numa pessoa é: _____

Eu tenho muitos amigos porque: _____

Eu tenho poucos amigos porque: _____

Os principais acontecimentos atuais (na área política, econômica, cultural, social, esportiva, tecnológica...) são: _____

Para que estudar História? _____

Para que serve a História? _____

Porque o passado é importante? E o presente? _____

(Obs.: No questionário deverão ser incluídas perguntas relativas a todas as disciplinas envolvidas no projeto, de acordo com cada caso)

2.2 – Possibilidades de Leituras da Ficha “Quem Sou Eu?”

Os questionários podem permitir percebermos se os alunos têm uma dificuldade de escrever sobre si próprios. Isso pode vir a ser constatado se os alunos se negarem a responder os questionários e nas próprias respostas que podem dar às questões neles abordadas.

O objetivo principal é que o aluno responda esse questionário, resgatando informações dele próprio, tentando se conhecer melhor. Nesse sentido foram colocadas na ficha perguntas específicas de sua pessoa, de sua vida e do que ele sabe ou pensa sobre si mesmo.

Com relação à pergunta sobre faixa etária, o objetivo é saber se os alunos estão acima da faixa de idade para a série, devido à repetência em anos anteriores ou problemas relacionados à família.

Ao colocar o item de localidade, pretendemos saber de onde vieram os alunos e destacar se nasceram na própria cidade, na região, no país ou em outros países. A informação sobre o hospital onde nasceram também pode revelar se eles conhecem informações sobre si mesmos desde o nascimento. Ao perguntar sobre o bairro onde vivem, o professor pode saber se moram nas proximidades da escola onde estudam ou em outros bairros.

Um dos aspectos culturais colocados no questionário refere-se a saber qual o horóscopo dos alunos, o que permite perceber se realizam algum tipo de reflexão sobre a sua personalidade para além dos dados mais formais.

Há também perguntas sobre as características físicas dos alunos como: estatura, peso, cor dos olhos, cor dos cabelos e como se declaram em relação à cor da pele ou etnia.

A pergunta sobre o que eles mais gostam de fazer é bem aberta e pode apresentar variadas respostas como: dormir, comer, jogar futebol, usar celular ou outros meios eletroeletrônicos, estar com amigos e familiares, ler, estudar, dentre outras coisas. Em oposição à pergunta anterior, a ficha também pede para descreverem o que não gostam de fazer.

Ao falar sobre sua maior qualidade, espera-se que os alunos possam responder sobre a percepção que têm de si mesmos, o que pode revelar uma autocrítica ou indiferença, no caso de não darem nenhuma resposta. Por outro lado, pretende-se também que os alunos falem sobre o que consideram seus maiores defeitos.

É importante considerar que as perguntas podem ter como respostas o que os meios de comunicação culturais informam aos alunos. Na análise de Circe Bittencourt,

[...] os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, e tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino” (BITTENCOURT, 2011 p. 107)

Portanto, é conveniente refletir o domínio da cultura letrada com a cultura da imagem, é um desafio para os professores, para que não caiam nas armadilhas dessa cultura tão desejada pelas novas gerações, porque não temos como voltar atrás, então, temos que transformar os meios de comunicação em objeto de estudo e evitar uma visão de ensino meramente informativo. É fundamental que os professores façam uma análise crítica no papel da mídia no contexto atual, ou seja, o professor deve organizar as informações mediáticas em conhecimento.

Ainda com relação ao questionário, é importante que seja interpretado como os alunos veem as disciplinas que estão envolvidas no projeto, para que os professores possam também interpretar como sua prática é avaliada por quem a recebe. Mais que um gosto, é preciso pensar na importância das disciplinas na vida do aluno e no modo como o mesmo vê a escola.

Para responder a essas inquietações, não bastam respostas imediatas, mesmo porque os professores convivem com jovens mergulhados no presente, onde o novo, na sociedade, parece ser uma marca. Para eles tudo envelhece e deve ser substituído com muita rapidez. Essa dinâmica é perigosa porque neutraliza os fenômenos sociais como, por exemplo, a corrupção, a luta dos trabalhadores, desigualdade social, desigualdade de gênero, etc. Como se esses fenômenos não tivessem história e como se existissem somente no tempo presente. No entanto, apesar de um longo processo histórico dessas questões sociais, há o discurso midiático, muitas vezes, tendo como foco o presentismo reducionista, bipolarizado e sem historicidade.

O caminho percorrido pela humanidade ou que uma pessoa faz pode explicar muito sobre ela. É nessa caminhada que podemos entender o processo histórico. Não podemos dizer que o processo histórico é linear, mas o contrário, avanços, recuos, desvios, enfim, idas e vindas que levam a transformações constantes. Na interpretação da historiadora Vavy Pacheco Borges,

A história procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. A transformação é a essência da história; quem olhar para trás, na história de sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual e é através do tempo que se percebem as mudanças (BORGES, 1980, p. 47).

Nessa perspectiva, o ensino de história tem apresentado grandes desafios ao professor, que deve ter, no ambiente escolar e na sociedade, uma nova postura. Esse esforço incorporou também novas abordagens com outras áreas, como a sociologia, artes, filosofia, antropologia, literatura, entre outras.

Refletindo sobre essas novas posturas, entendemos que o momento atual possibilita reflexões sobre a necessidade de os professores historiadores atuarem com o objetivo de evitar no ser humano a amnésia social que compromete a construção de suas identidades individuais e coletivas. Deve-se discutir as alterações passadas, não podemos entender a realidade como eterna, isso leva a uma atitude passiva e conformista, haja vista que o importante é entender a história como processo dinâmico. Para isso é necessário ter o

conhecimento de si mesmo com o objetivo de atuar como sujeito histórico e capaz de entender que a atuação de hoje é diferente da de ontem, é pertinente entender que a história é constantemente reescrita, ou seja, a maneira de compreender a história muda de acordo com cada sociedade e a cada tempo as pessoas têm os seus próprios valores culturais.

Diante dessas reflexões, é importante formular questões partindo da realidade dos alunos, para entendermos o que pensam sobre História e, posteriormente, referenciar o ensino/aprendizagem, partilhando as relações entre o conhecimento histórico, visando às necessidades da sociedade contemporânea.

Após responder o questionário proposto, pode-se representar em gráficos suas respectivas respostas. O objetivo de montar os gráficos é justamente observarmos os caminhos percorridos para estabelecer o diálogo entre o passado e o presente. Isso pode ser visível nas respostas dos alunos. Considerando que diversos professores, no exercício profissional da História, entendam que não é possível reconstituir o passado exatamente como era, mas também, não é conveniente dar aulas de história tendo como base apenas a atualidade. Sendo assim, podemos cometer anacronismos que podem levar os alunos a pensarem que tudo que existe na atualidade é simplesmente uma construção dos homens no tempo atual.

Observa-se a necessidade de buscar, no passado, o quanto o presente é resultado de todo um processo constante de mudanças. Isso significa que o passado é mutável, vivo, dinâmico. Se o fazer histórico está em constante mudança, torna-se imperativo pensar em renovação no sistema educacional, e, obviamente, no ensino de História, objetivando a superação dos vícios tradicionais da escola, como por exemplo, a cobrança por um currículo conteudista, embora há currículos que estimulam professores e alunos a buscarem sempre o conhecimento de uma forma crítica e reflexiva. Há a cobrança de pais, e até de alunos e colegas, por aulas priorizando apenas o conteúdo tradicional para atender uma demanda que ainda tem a visão secular de conteúdos para concursos, vestibulares e processos seletivos, não que o conteúdo não seja importante, mas deve ser repensado e buscar novas trilhas, partilhando novas experiências, reflexões, sobre o ensino de História. É importante perceber que não existem fórmulas para ensinar, mas sim para potencializar a reflexão e criticidade para as possíveis transformações. Acreditamos que essas reflexões poderão ajudar os alunos e professores a entenderem a relação entre passado e presente.

Ao questionar o que os alunos querem estudar em história, pode-se verificar se há alguma influência externa nesse desejo, como por exemplo, a família, a igreja, a mídia. Diante dessa realidade, os professores devem chamar a atenção dos alunos para refletirem sobre o que

está na mídia, aproximando o tempo presente com o tempo passado. Com essa conexão, é possível relacionar e comparar e, assim, é possível dar sentido à História ensinada na escola. A história, comparando tempos, necessita de um professor que saiba conduzir, problematizar e promover diálogos questionadores, possibilitando atitudes ativas, tanto do professor quanto do aluno.

A história comparada, não como método de pesquisa, mas como método didático, é uma estratégia que nos possibilita trabalhar com recursos variados. Para isso é importante que o professor seja flexível e não fique preso em programas curriculares pré-estabelecidos, esteja disposto a fazer recortes, priorizando conteúdos que possam contribuir para o entendimento da história em construção e não para a simples memorização.

E como é interessante essa dinâmica do ensinar e aprender em sala de aula, usando recursos diferenciados como jornais atuais e jornais de épocas passadas sobre um determinado tema, músicas, cinema, vídeos, documentários, imagens e arte/teatro, que é nosso objetivo neste trabalho de mestrado. Enfim, os gráficos propostos podem nos mostrar que temos muito a percorrer por caminhos diferenciados, para instigar ao aluno conhecer e entender que o tempo histórico é construído ao longo do tempo.

M – Proposta teatral:

A partir dos questionários, da sua análise, da reflexão sobre eles, do debate com os alunos e com o conjunto de disciplinas integradas à proposta a peça teatral pode ser construída. Pode-se pensar como uma atividade de um momento especial da escola: feira cultural. Comemorações diversas, encerramento do semestre ou ano letivo, mas sempre pensá-la como resultado de um processo, pois à medida que a atividade é elaborada, os elementos do teatro precisam ser pensados: o próprio roteiro, cenários, figurinos, trilha sonora, aspectos técnicos, entre outros, o que impõe uma dinâmica de trabalho coletivo muito intenso.

Nem sempre as escolas têm a estrutura para o teatro, desde local para ensaios até mesmo o local para a apresentação, então essas variantes devem ser levadas em consideração e colocadas em discussão pelo grupo para que as decisões sejam tomadas. Nesse processo, é importante também observar as aptidões dos alunos, as escolhas que farão sobre como participar.

Sugerimos esse Cronograma de trabalhos, o qual deverá ser adaptado de acordo com o tempo estimado para desenvolvimento do projeto na escola.

Março – Montagem do projeto e apresentação aos alunos e à escola.

Desenvolvimento das atividades de questionário, autorretrato, habilidades socioemocionais, narrativas com histórias orais e pesquisas.

Abril– Elaboração das narrativas, atividades com expressões socioemocionais e Atividades com *doodles*. Jogos teatrais e início da montagem dos textos de monólogos e encenações com as narrativas escolhidas.

Maió – Montagem da peça teatral com os monólogos e encenações. Montagem de cenário, vestuário e sonoplastia e ensaios. Os ensaios serão extraturno (exigindo horas-aula dos professores envolvidos no projeto).

Junho – Apresentação da peça aos alunos, pais e funcionários da escola (escola e teatro).

IV - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE HISTÓRIA/TEATRO NA ESCOLA

Um crescente diálogo entre História/Teatro e Educação encaminhou conclusões preliminares sobre a metodologia do Teatro para o ensino de História.

Podemos dizer que são várias as possibilidades do uso do teatro como ferramenta pedagógica. O teatro é uma estratégia que permite tornar real todo o potencial da inteligência intelectual, afetiva e social dos estudantes, mas também dos docentes, pois coloca em relação o sujeito, o conhecimento e uma prática sensível de se relacionar com o passado. As atividades

teatrais são, sem dúvida, uma ferramenta pedagógica que pode impulsionar o sujeito através de suas vivências a compreender o mundo, expressar sentimentos e tornar-se cidadão. Essa é uma boa razão para ensinar história também a partir do teatro.

Nas trilhas deste trabalho, concluímos que o teatro na escola deve ser entendido pedagogicamente, e não estamos preocupados em descobrir grandes talentos artísticos, embora aconteça de vez em quando. Estamos valorizando os caminhos percorridos durante todo o processo de aprendizagem que utiliza o teatro como estratégia didática e não como fim em si mesmo.

Consideramos que o papel do teatro, na compreensão da História, é proporcionar o conhecimento e o autoconhecimento, vimos que, através da comunicação, o aluno pode se identificar com algum personagem e observar o que aquele personagem tem para sua dinâmica de vida. O teatro trabalhado com as disciplinas com diferentes conteúdos pode ser um meio para que o jovem possa exteriorizar suas angústias, e percebemos que, na representação, ele consegue expor suas dificuldades de tomar decisões, relacionar e conhecer o outro, rompendo com as barreiras da intolerância entre os colegas e professores, representar com alteridade, ou seja, valorizando as diferenças entre o eu e o outro. Vários alunos sentem a liberdade de exteriorizar seus sentimentos, suas memórias, que nem sempre são dialogadas, principalmente, pelo medo de se expor.

O conhecimento vai além da sala de aula, então, a sala de aula é o espelho da sociedade, o adolescente sai da escola e vai para a rua, supermercados, enfrenta os problemas familiares e volta para a escola com todos esses problemas, e a escola deve ter compromisso e responsabilidade, dialogando com os professores sobre projetos que valorizem as competências socioemocionais. Desse modo, com a atividade teatral, professores podem também se beneficiar atuando como mediadores dos alunos para amenizar os problemas de convivência.

Percebemos que há muito o que se discutir, porque a arte na escola, de maneira geral, não é valorizada. Mesmo quando alguns professores elaboram um projeto com fundamentação teórica e objetivos claros, enfrentam obstáculos que nem sempre são levados em conta pela escola, ou mesmo, por toda a comunidade escolar, que envolve pais, o bairro, os gestores externos e outros. Estas considerações podem ser exemplificadas na falta de apoio, até mesmo, na divulgação do projeto pela direção, para que não fique apenas restrita ao grupo organizador, mas que envolva toda comunidade escolar.

Constatamos que é possível desenvolver um trabalho interdisciplinar, mas enfrentamos

os desafios contemporâneos, principalmente, porque muitos professores trabalham em outras escolas, em diferentes turnos, para a complementação de renda, porque sabemos que a desvalorização salarial é vergonhosa e devido a essa condição, alegam não ter o tempo necessário para participar de uma forma produtiva em projetos com outras disciplinas. Muitos professores e, até mesmo, a direção da escola, não priorizam a interdisciplinaridade, mesmo porque é um conceito e uma prática ainda complexa, que, como já dissemos, muito se fala, mas pouco se faz.

A interdisciplinaridade é um trabalho em conjunto, isto é, a integração com diferentes metodologias de outras disciplinas para ampliar a compreensão do mundo e formar indivíduos que possam pensar criticamente, e, assim, compreender que é possível participar e intervir na realidade em que vivem com o intuito de buscar o bem comum. É necessário entender que a interdisciplinaridade não é uma simples fusão de conteúdo, mas uma interpenetração no exercício de construir, através do diálogo, as diferentes experiências, objetivando a socialização e, portanto, a formação de pessoas para o exercício da cidadania.

Percebemos também que há uma resistência em relação a metodologias diferentes, principalmente, o teatro, porque tem uma relação intrínseca com atividades/práticas/ações pouco usadas na escola tradicional e que rompem com o modelo de aluno e professor passivos. Para os alunos é necessário ter um momento de liberdade para expressar, gritar, dar cambalhotas, e essa liberdade tem um preço, muda a dinâmica da escola e incomoda muito. A escola ainda tem uma estrutura secular, alunos sentados em fila. A escola ainda concebe as regras impostas pelo sistema educacional capitalista, que apresenta um currículo único para todos, porém, atualmente, a educação vem sendo amplamente discutida por várias áreas do conhecimento.

A crescente preocupação com a educação conduz a escola a ser mais significativa pelo fato de assumir a função de não somente reproduzir conteúdo, mas orientar e formar cidadãos para a vida. Sabemos da importância da escola transformadora, para transmitir aos alunos conhecimentos para questionar, criticar e demonstrar a insatisfação gerada por uma sociedade injusta e desejar uma mudança social. Ainda vivemos numa sociedade de regras, mas muitas podem ser rompidas com o estímulo à criatividade e à liberdade, principalmente, se a escola desejar uma mudança libertadora e isso se faz sem doutrinação. O caminho é longo, mas possível, essa jornada é nosso grande desafio.

Na atualidade ainda há uma tendência em valorizar o outro que tem o pensamento lógico racional. Se faz necessário, a partir do que neste trabalho foi relatado, mudar os

paradigmas. É necessário também valorizarmos o pensamento mais sensível estimulando o protagonismo e a participação dos alunos e professores, num processo de empatia, tolerância, para juntos tomar decisões nas resoluções de conflitos.

Portanto, acreditamos que o uso do teatro como metodologia nas aulas de História tem muito a contribuir, no sentido de reconhecer no aluno a afetividade, sensibilidade, imaginação, autocontrole, entusiasmo e sociabilidade, habilidades socioemocionais pouco valorizadas na escola.

Deve-se levar em consideração que a utilização do teatro como ferramenta pedagógica possibilita que o aluno rompa com sua posição sempre passiva e se reconheça enquanto sujeito ativo e crítico, mas não é a solução para todos os problemas no processo de ensino-aprendizagem, em razão de ser um recurso que pode levar o aluno a se deter apenas aos aspectos da representação em si e não ao fato histórico, o que caracteriza ponto negativo. Para evitar que isso aconteça, a atenção do professor deve se redobrada.

Podemos concluir que os caminhos percorridos neste trabalho foram como um aprendizado difícil, pois entendemos que nossa formação original nos leva a lidar com o conhecimento abstrato, pois ainda estamos conectados com currículos formais, escolas e pais que exigem aprender os conteúdos com receitas prontas, com explicações científicas. Outros modos de compreensão, mesmo que precariamente discutidos, como por exemplo, a cultura popular, tradições, religiosidades e diferentes linguagens devem também fazer parte das relações sociais, e essa corrente de pensamento deve ser também priorizada, não confrontando com as teorias científicas, mas compartilhando o entendimento do mundo no que diz respeito ao entendimento dos alunos, possibilitando o sujeito histórico a pensar sobre si mesmo e entender que faz parte de um mundo como ser social do ponto de vista histórico.

Constantemente empenhamos em trabalhar os conteúdos curriculares de forma atraentes, por isso buscamos estratégias diferenciadas, objetivando um aprendizado entre os alunos adolescentes, permitindo a liberdade de experimentar, elaborar, construir outras formas de conhecimento. Diante dessa postura, temos a necessidade de reinventar nossas práticas pedagógicas, mesmo porque é de suma importância a comunidade escolar ter a compreensão de que a escola não é um espaço inerte da atividade, mas espaços com e práticas culturais variadas

Propusemos, então, uma experiência metodológica com o ensino da história e teatro, tendo como ponto de partida o projeto interdisciplinar, considerando que, a partir do mundo vivido pelos sujeitos históricos, tem o aspecto simbólico e, se somos seres simbólicos, somos

capazes de interpretar e reinventar o mundo.

Podemos ver que os projetos escolares são difíceis de serem colocados em prática devido à falta de vontade política do poder público, que ainda impõe padrões e homogeneiza o conhecimento através do tempo em sala de aula, ou seja, a cada 50 minutos acontecem aulas bem de acordo com os padrões de uma escola tradicional. Entendemos que os projetos devem ser coletivos, para isso, a escola terá que assumir responsabilidades e trazer consigo a mudança para a educação libertadora, com a capacidade de mudar não só a escola, mas o mundo, as mudanças nos padrões sociais são positivas e, certamente, se iniciará através da educação crítica de qualidade.

Cabe sublinhar que o ensino de História pode e deve ser renovado pelos professores, tanto numa abordagem tradicional como na implantação de metodologias diferentes, para atender as diversas realidades de alunos e professores sempre atentos às mudanças no mundo contemporâneo. Desse modo, podemos apresentar a sintetização do nosso trabalho com a metodologia do teatro nas aulas de História, para que possam ser contemplados por outros professores:

- Diferentes metodologias valorizando o universo dos alunos, ou seja, a proximidade com o que é vivido por eles;
- Caminhos mais adequados e prazerosos para o estudo e a pesquisa histórica;
- Em sala de aula, estimular espaços criativos para desenvolver a oralidade, a integração do grupo, o respeito pelas diferenças;
- Selecionar e fazer recortes no conteúdo a ser trabalhados, já que não é possível contemplar toda a História, que o que foi escolhido seja significativo;
- Explicar claramente os objetivos que queremos chegar, para que os alunos sejam partícipes de todo o processo de aprendizagem;
- Dentre as diferentes metodologias para se ensinar História, o teatro é um meio para compreender as questões da atualidade, dialogando com o passado, enfatizando o aprender fazendo;
- Mostrar que podemos ter diversas explicações e diversas respostas para uma mesma realidade;
- Ampliar o pensamento histórico, articulando com outros professores, visando à interdisciplinaridade, contrapondo a forma tradicional como os conteúdos divididos em séries. O trabalho com o teatro é uma forma de incorporar

diferentes linguagens no processo educativo, que pode contribuir na busca pela construção do conhecimento dos alunos e professores, mesmo porque ambos estão sempre aprendendo juntos, na sensibilização de todos para pensar uma sociedade com mais justiça;

- Acreditamos que no trabalho História e Teatro, podem ser desenvolvidas as emoções, as vivências, a coletividade, a resiliência e a alteridade, sensibilizando os envolvidos em uma aprendizagem significativa.

FONTES

Acervo Fotográfico - Maria Helena Gondim Almeida - Também disponível na Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhõa

Acervo de Registros Escritos - Maria Helena Gondim Almeida - Também disponível na Escola Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhõa

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. *O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica*. Disponível em: <> Acesso em: 20 mar. 2016.
- ABUD, Kátia Maria. *O mundo não é um quebra cabeça*. Disponível em <>. Acesso em: 11 out. 2016.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *Revista Eletrônica Boletim do TEMPO*, Ano 4, Nº19, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384], p.1-5.
- ALMEIDA, M. H. G; LACERDA, G. C.; MONTES, S. R.: Teatro na Escola: Uma experiência Interdisciplinar. *Cadernos de História*. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História LEAH do Instituto de História-CDHIS/UFU, Uberlândia MG, Nº 10 Volume 1- Mar.01/ mar. 02, p. 51-65.
- ANDRÉ, Carminda Mendes. *Teatro Pós Dramático na Escola: Inventando Espaços: Estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula*. SP: Unesp, 2011.
- ANTUNES, Celso. *Jogos para estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ARANTES, Luiz Humberto. Fazedores Teatrais: Cultura e Memória. In: MERÍSIO, Paulo e CAMPOS, Vilma. *Teatro, Ensino Teoria e Prática*. Uberlândia EDUFU, 2011, p. 23 - 30.
- ARAÚJO, Paulo. *O teatro ensina a viver: A turma perde a timidez, amplia os horizontes culturais e trabalha bem em grupo quando a arte cênica faz parte do currículo*. Disponível em: <424918.shtml>. Acesso em: 28 set. 2015.
- BARBOSA, Z, A; CARMONA, D. *Teatro: Atuando. Dirigindo. Ensinando*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro, (Organizador) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Ed. Cortez. São Paulo, (2011).
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Ldben*. Brasília, DF, p. 1-2.
- CARRASCO, Walcir. *Irmão Negro*. São Paulo. Editora Moderna, 2ª edição, 2008.
- CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o Teatro na Educação como conhecimento e prática pedagógica. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v.3, p.39-52, jan. /dez. 2008.
- D'ASSUNÇÃO, José Barros. Representações e práticas sociais: discutindo o diálogo das duas noções no âmbito da História Cultural Francesa. In: SANTOS, Regma Maria dos. BORGES, Valdeci Rezende (organizadores) *Imaginário e representações: entre fios, meados*

e alinhavos. Uberlândia, MG: Aspectus, 2011.

DOMINGUEZ, José Antônio. *Teatro e Educação: uma pesquisa*. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1978.

FARIA, Antônio Augusto da Costa. *Caravelas do Novo Mundo*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade*. Disponível em <. Acesso em: 11 out. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

FROTA, Teresa. A Lei e o Rei. In: *Coleção Teatro Brasileiro*. V. 2. Belo Horizonte, Editora Handam, 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizado*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GARCIA, Edilia Coelho. Apresentação. In: ARAÚJO, Hilton Carlos de. *Educação através do teatro*. Rio de Janeiro: Edítex, 1974.

GADAMER, Hans-Georg. Problemas epistemológicos das ciências humanas. In: _____. *O problema da consciência histórica*. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GUIMARÃES, S. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo perdido*. Campinas, SP: Papirus, 2015

HALBWCHS, Maurice, 1877- 1945. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUIZINGA, Johan. *Apud PEREIRA, Lucia Helena Pena. Ludicidade e auto expressão*. In: _____. *Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do Ensino do Teatro*. Campinas - SP: Papirus. 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo. Perspectiva, 1990.

KOUDELA, I. D. Percursos da arte na educação. Disponível em: <https://>. Acesso em: 26 jan. 2016.

KOUDELA, I.; D.; SANTANA, A.; P. Abordagens Metodologias do Teatro na Educação. *Ciências Humanas em Revista*, São Luís, v. 3, n. 2, p. 145-154,2005. LEI 9394/1996.

LYRA, J. H. Glaciene. O teatro, a aprendizagem e a educação infantil. *Revista Científica Semana Acadêmica*. Fortaleza, ano MMXV, N°. 000067, 08/05/2015. Disponível em: Acesso em 18 maio. 2016.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Carlos de Castro e Costa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MENDONÇA, Célida Salume. FOME DE QUÊ? Processos de Criação Teatral na Rede Pública de Ensino de Salvador. 2009. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Cênicas,

Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia – Escola de Teatro, Salvador, 2009.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. Ludicidade e auto expressão. In:_____.
Rioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. cap. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*, 2. Ed.- Belo Horizonte: editora Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime; PINSKY, C. B. Por uma História Prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro, (Organizador) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2016.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, P. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Tradução de Alain François [et al]. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.

RÜSEN, J. *Razão Histórica: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins- Brasília: Editora Universidade de Brasília ,1ª reimpressão 2010, 194p.

RÜSEN, J. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins- Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1ª reimpressão 2010, 160 p.

RÜSEN, J. *O que é Meta História*. Disponível em: __Acesso em: 21 jan. 2016.

SANTOS, Neusa Raquel de Oliveira e FARIA, Moacir Alves de: Jogos Teatrais na Educação: Um Olhar para uma Prática Libertadora. In: *Revista Eletrônica. Saberes da Educação-* Volume 1 -nº 1 -2010.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no Século XXI: Em busca do tempo entendido - 4ª ed.-* Campinas, SP: Papiros, 2012.- (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. O Teatro Como Linguagem e Fonte no Ensino de História. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-* ANPUH- São Paulo, julho.

ANEXO I

**GUIA RÁPIDO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE TEATRO NA ESCOLA A PARTIR DA
DISCIPLINA HISTÓRIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL.
AREA DE CONCENTRAÇÃO CULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LINHA DE PESQUISA: História, Cultura e Linguagens.

GUIA RÁPIDO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE TEATRO NA ESCOLA
A PARTIR DA DISCIPLINA HISTORIA

MARIA HELENA GONDIM ALMEIDA

CATALÃO, AGOSTO DE 2017

GUIA RÁPIDO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE TEATRO NA ESCOLA A PARTIR DA DISCIPLINA HISTORIA

1 – O contexto do projeto

Ao apresentar qualquer projeto a respeito de novas práticas metodológicas para o ensino, necessário se faz contextualizar o local e o debate curricular que ali se dá.

2 A elaboração do projeto.

A - Escolha do Tema: Para elaborar uma proposta de uso do teatro como metodologia de ensino, sugerimos estruturar um projeto a partir de um tema previamente discutido com as turmas, decidindo pelo enfoque disciplinar ou interdisciplinar do mesmo.

B - Delimitação de Conteúdos Curriculares: Após a delimitação geral do tema, sugerimos especificar e delimitar os conteúdos a serem abordados, de acordo com as disciplinas participantes e suas linhas de discussão;

C- Justificativa: a Justificativa deve tratar das motivações, do embasamento teórico e das experiências anteriores que sustentam a proposta pedagógica.

D – Objetivos: devem ser elaborados de acordo com os resultados a serem atingidos. **Exemplo:**

Objetivo geral: Relacionar História e Teatro a partir da elaboração de um projeto didático que culmine com a produção e apresentação de uma peça teatral.

Objetivos específicos:

- Realizar atividades preparatórias para que os alunos participem da produção e realização da peça teatral;
- Oportunizar aos alunos a produção de textos com narrativas adequadas ao tema do projeto;
- Possibilitar que os alunos conheçam suas características e habilidades emocionais e de seus colegas de sala;
- Permitir aos alunos o uso de recursos de informática, especialmente da internet, na produção e socialização de textos e imagens;
- Desenvolver com as estudantes pesquisas sobre temas e conteúdos trabalhados, de forma que usem também as bibliotecas disponíveis;
- Interpretar e discutir com os alunos, produções artísticas que retratam diferentes períodos de nossa história relacionados ao tema;
- Permitir a participação em grupo, de jogos teatrais para trabalhar expressões dramáticas, habilidades e criatividade teatral.
- Elaborar o roteiro de uma peça teatral a partir dos textos e narrativas dos alunos, montar e apresentar a peça, resultado do projeto

E – Metodologia: explicita o caminho a ser percorrido para cumprir os objetivos estabelecidos para o projeto.
Exemplo:

Possibilidade metodológicas:

- Aplicação de questionários sobre quem são os alunos;
- Integração entre as disciplinas participantes em reuniões de planejamento, no caso de um projeto interdisciplinar.
- Desenvolvimento de técnicas de autoconhecimento emocional, tais como montagens de autoretratos (selfies), produção de PPT com as fotos e respectivas legendas; montagens de portfólios; produção de emoticons, entre outros. Caso os alunos decidam, os trabalhos poderão compor uma mostra de atividades na escola.
- Elaboração de *Doodle Art*, adequados a autorepresentação dos alunos;
- Elaboração de narrativas sobre a vida dos alunos orientadas pelos enfoques das disciplinas envolvidas no projeto;
- Realização de entrevistas sobre como o grupo social vê a temática escolhida;
- Realização de pesquisas, especialmente, nas aulas de História, de aspectos da realidade brasileira do período abrangido no projeto;
- Apresentação dos resultados dos registros finais dos alunos para a comunidade escolar;
- Uso dos textos narrativos produzidos pelos alunos para elaboração do roteiro teatral e produção do roteiro;
- Definição coletiva da sonoplastia, coreografias e figurinos da peça teatral em reuniões de planejamento;
- Realização de ensaios da peça de teatro com o desenvolvimento de jogos teatrais que servirão para demonstrar as habilidades individuais e coletivas;
- Realização e apresentação da peça de teatro;
- Por fim, sugerimos a produção de artigos de opinião ou acadêmicos e produção de notícias sobre a experiência para divulgação dos trabalhos realizados.

F - Adequação das propostas caso haja alunos com necessidades educacionais especiais – NEE

A inclusão de alunos NEEs ao projeto é fundamental já que o mesmo busca a integração de toda a comunidade escolar. Sugerimos que as atividades sejam feitas com o acompanhamento dos pais e dos especialistas em Educação Especial.

G - Avaliação e autoavaliação

Como a metodologia proposta é abrangente é necessário que os alunos sejam avaliados em todo o processo, nas várias atividades e seus produtos. Ao fim do projeto os professores podem aplicar um questionário avaliativo e, por fim, os participantes do projeto deverão ser instados a autoavaliarem suas participações e o projeto como um todo, através de narrativas escritas e ou questionários.

Considerações Finais.

O trabalho escolar que relaciona ensino e teatro, a partir da disciplina História, que foi nosso exemplo, pode ser muito envolvente quando o professor mediador tem a preocupação de ensinar, dialogando com as questões do presente e passado. Para isso, torna-se importante formalizar pesquisas com diferentes linguagens como, por exemplo, fontes escritas, fontes orais, imagéticas, as várias artes, entre outros bens de cultura que representam as diferentes maneiras dos sujeitos darem sentido ao mundo.

Defendemos que os conteúdos escolares podem ser ampliados e ir além dos conceitos, se aos alunos é permitido viver, em forma de teatro, o que se encontra nos materiais didáticos usados comumente em sala de aula, o que possibilita, acreditamos, aos alunos tomar atitudes em relação a si próprio, aos outros e à sociedade em que vive.

O teatro tem uma contribuição valiosa para a educação quando não se enfatiza o produto final, mas sim o acesso dos alunos a todo o processo de elaboração e realização de uma peça teatral, seja de um tema de sua realidade, ou dos conteúdos abordados em sala de aula.

As atividades teatrais são sem dúvida, uma ferramenta que impulsiona o sujeito através de suas vivências a compreender o mundo, expressar sentimentos e tornar-se cidadão crítico. Essa é uma boa razão para fazer teatro na escola, mas os professores devem ter a compreensão que o teatro na escola é também um grande instrumento pedagógico, potencializando a expressão vocal e corporal.

Referências

ALMEIDA, Maria Helena Gondim. **História, teatro e ensino de história**: possibilidades metodológicas. Trabalho de Conclusão de Mestrado. Mestrado Profissional em História. UFG – Regional Catalão. 2017.

Contato: leninhagondimalmeida@gmail.com